

NOVAS DA GALIZA

— I PERIÓDICO GALEGO DE INFORMAÇÃO CRÍTICA —



“Infelizmente, a atitude perante as problemáticas ambientais do bipartido é a mesma que a da Junta do PP”

Antonio Lores, integrante da Plataforma em Defesa da Enseada de Sam Simom

PÁGINA 06



Paralisar a construção da Cidade da Cultura só teria custado 6% do orçamento das obras que agora se reiniciam

AS OBRAS DO MONTE GAIÁS AVANÇAM ENTRE A INDIFERENÇA SOCIAL

REDACÇOM / Entre os vaivéns dos opinólogos e linhas editoriais dos meios de comunicação galegos em relação à pertinência da Cidade da Cultura houve um dado que passou despercebido: a cancelação das obras da que já foi chamada ‘acrópole cultural’, agora projecto progressista, teria implicado um gasto de pouco mais de 5% das despesas globais da construção, e isto sem contar o orçamento destinado a manutenção, pessoal e conteúdos que iria albergar a Cidade do Gaiás. Este

dado contradi a versão dada pela Junta, que equiparou as despesas de suspensão das obras ao custo do que faltava por construir. Por se isto fosse pouco, a cacarejada transformação dos conteúdos acabou por ser uma mera redistribuição dos espaços dentro do complexo e dá a sensação de serem pura propaganda da Junta para evitar convergir com o projecto do PP. Na era Fraga, a deputada nacionalista Pilar García Negro chamava a atenção para o insensato que nos parecia que

uma pessoa tivesse na sua casa quatro vídeos e outros tantos televisores e carecesse de água corrente. Agora, o BNG fala da transformação do ‘mausoléu faraónico de Fraga’ em ‘motor da cultura galega’, e apesar da paralisação inicial das obras anunciada por Ánxela Bugallo, todo indica que a possibilidade de interromper definitivamente o projecto nunca foi contemplada. O engano serviu para calar as críticas ao projecto, que avança entre a indiferença social. / Pág. 11



Real Academia Galega: um peso morto incapaz de acompanhar os novos reptos da língua

REDACÇOM / Recentemente voltou à tona o conflito do nome do País na Junta da Galiza. O PSOE quer impedir que o BNG continue a utilizar a forma Galiza nos seus departamentos e já solicitou o parecer da Real Academia Galega (RAG), cuja posição é conhecida, através do Conselho Geral de Publicações. Como em 2002, quando a RAG rejeitou o primeiro rascunho da reforma normativa proposta pelo ILG (cujos membros mais significativos fazem parte também da Academia) e três departamentos universitários de Filologia galega, a anacrónica instituição volta a ser utilizada pelos sectores da sociedade mais reticentes à galeguização para demorar qualquer progresso normalizador. Neste sentido, o presidente Xosé Ramón Barreiro não deixa de produzir declarações públicas preocupantes. As últimas, criticando a própria legalidade vigente, ao considerar

excessiva a actual “pressão nas escolas para que todo se submeta à norma”, e há uns meses dizendo que a Internet lhe “produzia alergia”. NOVAS DA GALIZA analisa neste número o pouso franquista e a absoluta inoperância de um organismo cujas linhas de trabalho continuam de costas viradas às novas necessidades da nossa língua e cultura. Porém, o mais inquietante não é a incapacidade dos ‘persoeiros’, mas o facto de que uma estranha unanimidade entre os partidos políticos parlamentares tenha decidido confiar à RAG a autoridade normativa sobre o galego no eventual novo Estatuto de Autonomia. Que a Academia critique por fim o uso do topónimo La Coruña não é a estas alturas do campeonato nenhum mérito que dê prova de galeguismo. O nacionalismo sabe isto e poderia cometer um grave erro do qual não tardaria a arrepender-se. / Pág. 15

E AINDA...



Foro Social pola Defensa do Povo continua a paralisar as obras de Massó em Cangas / 05

AUMENTAM CRÍTICAS à política de ajudas da Secretaria Geral de Política Lingüística / 04

MOVIMENTO POLA OCUPAÇÃO ressurge com duas tentativas em Ourense e Vigo / 07

5 mortes e 50 denúncias por tortura / 07

Opinións de Luca de Tena, Patricia Paderna, Angelo Pineda Marinho, Concha Rousia, Valentim Rodríguez Fagim e Beatriz Santos

Alexandre Banhos substituído Bernardo Penabade na Presidência da Associação Galega da Língua

Para o novo presidente da AGAL, “está na hora de pôr os alicerces para a normalidade social do reintegracionismo” / 16



A carreira de cacique de Fraga

GUSTAVO LUCA

♦
*O SEU FRACASSO COMO CANDIDATO DA DIREITA POR ANTONOMÁSIA
PARA A MONCLOA ERA CLAMOROSO. EL JEFE NUNCA SERIA
CHEFE DE ESPANHA NEM DE MADRID.
"HAVIA DE LIMITAR-SE A SER LEHENDAKARI GALEGO"*
♦

Fins dos oitenta. A Aliança Popular (AP) procurava um destino para Fraga. Ofrecêram-lhe ir de candidato para a Presidência da Câmara Municipal de Madrid e quijo agredir os proponentes. Desprezava com ferocidade embaixadas de seda e narguilé, escolhidas com a complicitade do PSOE. Recusava indignado a direcção de umha poderosa empresa de seguranças.

O seu fracasso como candidato da direita por antonomásia para a Moncloa era clamoroso. *El Jefe* (apelativo de lei falangista que lhe davam os seus) nunca seria chefe de Espanha nem de Madrid. "Havia de limitar-se a ser *lehendakari* galego", di Jorge Vers-tringe, que naquele momento era secretário geral de AP, partido que dali a pouco seria refundado com o mesmo nome do partido fascista de Jacques Doriot na França de 1936: *Partido Popular*.

Alguns consideravam a Junta um destino limitado e com aparência de retiro político, mas *El Jefe* devia por ser presidente. A única condição que impujo ao partido foi a de nom perder as eleições, um segredo a vozes que nom ficava lá mui democrático mas que os seus incondicionais juráram cumprir polas relíquias de Alejandro Farnesio. Umha saca de votos amanhados em Venezuela para as listas de Ourense garantia a sonhada maioria absoluta. E assim foi. Orgulhoso polo resultado, *El Jefe* publicou-no na página electrónica do PP com a funesta consequência de que, ao nom repetir-se nas seguintes convocatórias, a anomalia das votações de 89

deixava em evidência um *pucherazo*. *El Jefe* mandou retirá-lo.

O estilo caciquista que inaugura a era Fraga é umha premonição. De facto, nom voltará a pronunciar a palavra democracia com que costumava florear os seus discursos na altura da Reforma Política. Depois do êxito da rica saca de votos exilados do ano 89, resolveu cultivar boletins de voto ao redor dos centros galegos de todo o mundo. Nom há consulta cabal se faltam os ausentes, proclamava *El Jefe* agora distinguido com o *Dom* siciliano por escolha própria. Entre os autocarros de Cuiña, a distribuição domiciliária de boletins de voto e os votos por correio, renascia um sistema eleitoral dos tempos de Gas-set, Vituro, Bugallal e Pepe Benito, caciques míticos da

Restauração. A coacção económica e moral e o uso patrimonial da Administração completavam um estilo clientelar de longa data, zelo do poder e consagrado à

quincalha fina dos pequenos favores com factura eleitoral, da lenidade para os chegados ou a coerção legal contra os críticos. As deputações

renasciam como departamentos clientelares e, por momentos, os presidentes sentiam-se tam seguros das suas redes caciquistas que se permitiam tratar com arrogância o famoso ex-ministro franquista reprovado na corrida para a Moncloa. Acaso nom podem identificar-se durante o destino de compensação de Fraga polo seu fracasso madrilenho, as decisões políticas prévias logo referendadas mediante eleições de duvidosa legitimidade que foram o distintivo padrom das do turno canovista? Decerto a oposição do PSOE

nom considerou durante a Era Fraga que tam clamorosa fraude merecesse denúncia. Passou em silêncio sobre a carga contra os grevistas de Ponte d'Eume, a violência contra as tractoradas, a retirada ilegal de cartazes, o envio da *Guarda Civil* de madrugada contra os vizinhos de Merza (Vila de Cruzes) que denunciavam a construção de umha linha de 400.000 vóltios sobre as suas casas. Agora que o caciquismo zelo de poder começa a ser suplantado por outro clientelismo neo-liberal e imobiliário, mais defendido pola corrupção pura que pola visita ao abrente e o medo, aparece a notícia de que o PP de Bande fai um censo à medida mediante levas em concelhos vizinhos. Pronuncia-se outra vez o nome de cacique em Coristanco, Carvalho, Baldaio, Riba d'Úmia etc..

O presidente da Câmara eleito de Santiago deve saber em que classe de infâmia política incorreria se respaldasse a iniciativa de pendurar o nome de *El Jefe* sobre umha fachada urbana. Nas recentes eleições municipais aparece claro que a passagem de *El Jefe* polos gabinetes constitucionais da Galiza deixa um fedor a cacique que alcatroa e que há de passar em 'letras de forma' aos textos escolares como um esforço contra-histórico por frustrar a construção da democracia. Umha etapa política de Fraga que acaba como as anteriores em fracasso. O delito é maior quando o perpetrador um actor confesso da Ditadura que entre mentira, violência, exílio e mistificações derramou cinco décadas preciosas da história do País.



O PELOURINHO DO NOVAS

Se tens algunha crítica a fazer, algum facto a denunciar, ou desejas transmitir-nos algunha inquietação ou mesmo algunha opinião sobre qualquer artigo aparecido no NGZ, este é o teu lugar. As cartas enviadas deverão ser originais e nom poderán exceder as 30 linhas digitadas a computador. É imprescindível que os textos estejam assinados. Em caso contrário, NOVAS DA GALIZA reserva-se o direito de publicar estas colaborações, como também de resumí-las ou extractá-las quando se considerar oportuno. Também poderán ser descartadas aquelas cartas que ostentarem algum género de desrespeito pessoal ou promoverem condutas antissociais intoleráveis.

Endereço: peLOURINHO@NOVASGZ.COM

EDUCAÇÃO AFECTIVO-SEXUAL?

O debate sobre a escolha da denominação educação sexual ou educação afectivo-sexual está esgotado para muitos e muitas sexólogos que há tempo que o resolveram a favor da primeira, mas nom por mais 'progre' nem por nengumha das razões que Patrícia Janeiro expom nesta secção no mês passado, mas simplesmente porque sexologicamente é o correcto. Do mesmo modo que nos pareceria umha incorrecção que alguém que quisesse tratar a temática digestiva (de toda ela, das glândulas salivares ao ânus, a alimentação, a cultura dos alimentos, etc.) se limitasse apenas à denominação estômaco-digestiva. O primeiro termo está incluído no segundo. Pronto.

Outra cousa é que falemos de habilidades sociais, auto-estima, etc., que podem favorecer a educação sexual, mas nom som educação sexual, da mesma maneira que a educação sexual favorece as habilidades sociais e com certeza a auto-estima. Isto quando está correctamente tratada, claro, e nom se limita a ser mera venda ambulante de anti-conceptivos.

Beatriz Santos deve ser lida devagar e se calhar mais de umha vez. Acostumadas e acostumados como estamos à linguagem trapaceira das segons sexológicas dos media ao uso, é claro que 'A conjugar o verbo sexuar' nom é umha secção para ler com a ligeireza da Cosmopolitana ou da Vampirella do El País. Cada pessoa utiliza a linguagem que utiliza e a da vossa secção é de umha terminologia sexológica impecável. Claro que as pessoas que fazemos Educação Sexual polo País adiante sabemos que o que umha fai com a cabeça e com a sexologia, outras pes-

soas, os mass-media ou sabe deus quem, venhem e desfam-cho num minuto com as patas. De momento, assim estamos.

Arminda Lusquinhos Garrido.
Sexóloga e Educadora Sexual

NOVA DESFEITA NAS GÁNDARAS DE BUDINHO

Queremos denunciar a execução de um novo aterro ilegal no espaço natural das Gándaras de Budinho e Ribeiras do Louro, à altura da estrada que comunica Riba de Louro com o Cerquido.

O aterro, de mais de 6.000 m², realizou-se sobre um terreno classificado como Solo Rústico de Protecção de Espaços Naturais (SRPEN) no PGOM do Porriño e implicou a eliminação de um

pedaço do bosque de ribeira (habitat catalogado como de protecção prioritária pola União Europeia) junto à Turbeira do Cerquido.

Trata-se do terceiro aterro levado a cabo nos últimos seis meses sobre SRPEN na parte porriñesa deste espaço natural protegido. Os dous anteriores, que somam mais de 12.000 m², nom fôrom retirados nem os responsáveis sancionados.

Perante os sucessivos delitos ambientais que estão a ser perpetrados impunemente nas Ribeiras do Louro, solicitamos a actuação da Fiscalía do Ambiente para que investigue os factos e determine a responsabilidade dos promotores das actuações e do vereador competente por omissão nas suas funções segundo recolhe o código penal vigente no relativo aos delitos contra o ambiente.

Verdegaia
(associação ambientalista)

Será que realmente queremos uma polícia galaica?

— ANGELO PINEDA MARINHO —

Não há muito abriu-se o debate sobre as competências que deve assumir a polícia autonómica galega, havendo vozes que solicitavam a sua equiparação à basca ou à catalã. Porém, deveriam ter claro que esta assunção também comporta riscos.

Hoje, no Principado da Catalunha, ninguém acredita já nas fórmulas que se empregaram para realizar a transferência de competências em matéria policial. “Polícia de proximidade”, “elemento fundamental da autonomia catalã”, “profissionais ao serviço do cidadão” são frases vazias a poucos dias da saída de Núria Pórtulas da prisão espanhola de Soto del Real.

A que fora companheira da presa política galega Giana Gomes foi detida sob acusação de pertença ou colaboração com banda armada e porte de explosivos. Os registos dos Mossos d'Esquadra não encontraram por parte alguma nem explosivos nem materiais para os fabricar. E embora nunca concretizassem a que organização armada pertencia presumivelmente a Núria, a Audiência Nacional decidiu dar uma mão à polícia catalã mantendo esta última imputação. Imputação que valeu para esconder um facto evidente: a detenção não tinha mais base do que os princípios libertários da Núria e a sua solidariedade com as pessoas presas. Algo difícil de justificar para o conselheiro Saura e o secretário de Interior, Joam Boada, membros de uma formação, *Iniciativa per Catalunya – Els Verds*, que pretende conjugar esquerda e ambientalismo. Ambos optaram pela criminalização e por lavarem as mãos responsabilizando a Audiência Nacional do processo.

O resultado foi que uma forte vaga de mobilizações, protestos constantes nos actos eleitorais de ICV, 25 moções municipais ou o posicionamento de diversos vultos da cultura rejeitando a actuação da Conselharia e exigindo a libertação da Núria fez com que o ‘caso Pórtulas’ tivesse uma grande repercussão social nos Países Catalães. Após quatro meses, a Núria conseguiu sair em liberdade sob fiança de 15.000 euros. As assembleias de apoio já anunciaram que não pensam parar até ao

arquivo do caso e a assunção de responsabilidades políticas...

Não obstante, o caso da Núria, sendo o mais vistoso, não é o único. Organizações anti-repressivas do âmbito libertário e independentista já apresentaram um relatório com o esclarecedor título de *ICV repressors per sistema*. Nele, para além do ‘caso Pórtulas’, relatam outras actuações da polícia autonómica marcadas pelos preconceitos ideológicos: assédios a militantes, identidades arbitrárias, agressões físicas, cargas policiais, *despejos express* de casas ocupadas... Não houve tempo para que nele fossem incluídos acontecimentos recentes como as torturas na esquadra barcelonesa de *Les Corts*, as mortes de dois jovens sob custódia policial ou o emprego de armas brancas (*kubotan*) para se reprimirem manifestações.

Estas organizações anti-repressivas mobilizaram-se a dia 17 de Junho em defesa da liberdade de expressão e manifestação, liberdades que vêem logicamente ameaçadas por estas práticas. Uma mobilização que, como as suas precedentes, incide na contradição entre o discurso ecossocialista de ICV e o seu papel à frente da Conselharia do Interior. Uma contradição à qual não são alheias as bases de ICV. Os verdes anunciaram que abandonam definitivamente a formação. Dentro da Esquerda Unida (em coligação com ICV) militantes históricos têm mostrado o seu mal-estar pela gestão do assunto de Núria Pórtulas. Também o PSUC-Viu realizou vários comunicados criticando duramente a política de Joam Saura.

Em definitivo, a ICV vai em retrocesso fortemente dividida. No entanto, nada muda na guerra à pequena escala, não declarada, contra os movimentos sociais, afora da farda dos agentes e o nome do corpo a que pertencem. Pois as supostas boas intenções que inspiram a consolidação dos Mossos no território do Principado batem com um quadro jurídico em que se dá por suposta a perseguição política.

É por isso que se os nacionalistas querem uma polícia de ares galaicos, impõe-se-lhes uma pergunta difícil: será que também querem as suas consequências?

NOVAS DA GALIZA

EDITORIA
MINHO MEDIA S.L.

DIRECTOR
Carlos Barros G.

CONSELHO DE REDACÇÃO
Alonso Vidal, Antom Santos, Iván García, Xiana Árias, Sole Rei, F. Marinho, Gerardo Uz, Eduardo S. Maragoto, André Casteleiro

DESENHO GRÁFICO E MAQUETAGEM
Miguel García, C.Barros, A. Vidal, X. Árias

IMAGEM CORPORATIVA
Miguel García

FECHO DA EDIÇÃO: 15/06/07

INTERNACIONAL
Duarte Ferrín
Nuno Gomes (Portugal), Jon Erceandía (País Basco) Juanjo García (Países Catalães)

COLABORAÇÕES
Opinião: Maurício Castro, X. Carlos Ánsia, Santiago Alba, Daniel Salgado, Kiko Neves, J.R. Pichel, R. Pinheiro, Carlos Taibo, Germán Ermida, Celso A. Cáccamo, Jorge Paços, Adela Figueroa, João Peres, Pedro Alonso, Luís G. Blasco ‘Foz’, Alberte Pagán, Concha Rousia, Xurxo Martínez, Alexandre Banhos, Iván Cuevas, Raul Asegurado, Miguel Penas. **Música:** Jacobo Pintor. **Galiza Natural:** João Avelado. **Sexualidade:** Beatriz Santos. **Língua Nacional:** Valentim Fajim. **Descobre o que sabes:** Salva Gomes. **Desportos:** Anxo Rua Nova, Xavier S. Paços. **Cozinha:** Joana Pinto, Miguel Burros, Ana Rocha

FOTOGRAFIA
Arquivo NGZ
Natália Gonçalves
GZI

ADMINISTRAÇÃO
Irene Cancelas Sánchez

HUMOR GRÁFICO
Suso Sunmartín, Pepe Carreiro, Pestinho+1, Xosé Lois Herme, Gonzalo Vilas, Farruquinhos, Aduaneiros sem fronteiras

CORREÇÃO LINGÜÍSTICA
Eduardo Sanches Maragoto, Fernando Vázquez Corredoira, Vanessa Vila Verde, Mário Herrero (Suplementos)

D. LEGAL: C-1250-02 / As opiniões expressas nos artigos não representam necessariamente a posição do periódico. Os artigos são de livre reprodução respeitando a ortografia e citando procedência. A informação continua periodicamente no sítio web www.novasgiz.com e no portal www.galizalivre.org

A CULTURA DA MENTIRA

Se Reganosa representa a continuidade com o industrialismo caciquista da era Fraga, as obras do Gaiás encarnam à perfeição umha gestom da cousa pública pilotada pelos meios e avalizada por ‘especialistas’, com o povo – que cada vez acredita em menos cousas – de costas viradas ao esbanjamento toleiro dos novos ricos.

Se medíssemos sinceramente a opinião de todos os sectores que no nosso país têm alguma coisa a dizer sobre políticas culturais e orçamentos públicos, comprovaríamos que absolutamente ninguém secundaria a Cidade da Cultura. Tampouco seriam revolucionários mantendo esta posição: recentemente, um jornal de grande tiragem manifestava que mesmo para a Alemanha seria gravoso manter umha infraestrutura de tais dimensões. Se passarmos das confissões privadas às declarações públicas, umha vaga de cinismo colectivo parece assulagar-nos: ‘nom há mais caminho’, ‘as obras están iniciadas’, ‘isto é o que há’... por mui irresponsável e estafalário que seja o projecto, pensa-se com (com má consciência) que nele sempre haverá sítio para todos. E a um governinho continuista, de pouca altura política e moral, encaixa-lhe como anel ao dedo um mundo da cultura conservador, teme-

roso e disposto a fabricar argumentos estafalários para todo o que cumpra. Enquanto as multitudes dos especialistas e os perseiros povoarem o Gaiás – fazendo de embaixadores de ‘Espanha para o mundo’, como Zapatero dixo –, as pequenas bibliotecas municipais encheram-se de poeira, e os orçamentos culturais do resto do País consumirán-se para os que decidirem resistir na periferia.

NOVAS DA GALIZA desvenda neste número a grande mentira da Junta: a paralisação das obras do Gaiás seria, medida em quantias concretas, a decisão mais económica para as arcas do país, e evidentemente o gesto mais esperançoso para quem ainda acredita que as mudanças podem chover de cima como umha dádiva dos poderosos. Os números são eloquentes, mas a claridade serve de pouco para enfrentar umha cultura da mentira estabelecida de maneira tam sólida. As obras do Gaiás foram adiante graças à aclamação mediática do fraguismo e a um venenoso cepticismo popular. Agora, a desfeita continua graças a umha mentira reproduzida sem respiro. Os governos comprovam assim que podem mandar sem que ninguém os fiscalize, pois importa mais o consentimento dos meios que qualquer opinião de um povo mudo.

GONZALO





NOTÍCIAS



Marisol López, Secretária Geral de Política Lingüística / xunta.es

Continuam as críticas à política de subsídios de Marisol López

A Secretaria Geral de Política Lingüística responde ao MDL que a sua política se “ajusta às indicações legais”

REDACÇÃO / Ao mesmo tempo que o Movimento Defesa da Língua (MDL) principiava uma campanha em protesto pela política de subsídios aos meios de comunicação da SGPL, a revista Longa Língua, editada pela Mesa pola Normalización Lingüística, publicava uma reportagem em que som criticados os critérios do departamento dirigido por Marisol López no momento de assinar convénios com empresas mediáticas. Segundo este trabalho, a orientação dos mesmos não é, em nenhum caso, a normalização lingüística neste âmbito de grande importância para o galego. Assim, chega a acontecer que os jornais que mais dinheiro recebem, tendo em conta a tiragem, som aqueles em que o uso da língua decresceu consideravelmente nos últimos anos. Em geral, em todos os jornais subsidiados por Política Lingüística, o galego desaparece quase completamente das páginas mais lidas, como a própria capa e a contracapa. O galego só supera a percentagem média de 10% naquelas secções não submetidas à linha editorial da própria empresa comunicacional, como a publicidade (nomeadamente institucional), a opinião ou os suplementos.

Falta de transparência

Tal como já revelara o Novas da Galiza no número 52, na referida reportagem também se denuncia a impossibilidade de aceder ao texto dos convénios assinados entre a SGPL e os diferentes grupos de comunicação, de maneira que o montante dos mesmos continua oculto. Porém, cálculos estimativos através de convénios acordados por outras conselharías e noutros anos permitem presumir que as quantias som milionárias (em euros).

MDL denuncia

Nengum destes extremos foi desmentido pela SGPL numha carta que dirigiu recentemente ao Movimento Defesa da Língua (MDL). Esta associação tinha denunciado publicamente a discriminação sofrida polo NOVAS DA GALIZA na distribuição de ajudas a meios de comunicação feita pola Secretaría Geral de Política Lingüística, convidando-a a explicar publicamente os critérios que utiliza para marginalizar este jornal no momento de assinar convénios com diferentes empresas informativas com o pretexto da normalização lingüística. No escrito, Marisol López conclui que, “com independência de que a corrente reintegracionista da variante idiomática galega (sic) poda ser

utilizada pola cidadania em diferentes ámbitos, os critérios seguidos na hora de estabelecer os requisitos que devem seguir as actividades subvencionáveis devem ajustar-se fielmente às indicações legais”. Para o MDL, no entanto, as instituições nom temem “qualquer capacidade legal” para impedirem o uso da nossa língua seguindo um critérios normativo diferente da RAG, a nom ser no âmbito da própria Administração, nom fazendo sentido amordaçar a língua “através do cumprimento de rígidas e anacrónicas normas ortográficas”.

Correcção lingüística

Os critérios de correcção apelados por Marisol López som, polo menos, curiosos, desde que nom som respeitados pola própria secretaría no escrito dirigido ao MDL. O texto está cheio de construccões de relativo precedidas de preposições e artigo ou pleonasmos do tipo “[queixa] na que se solicita” ou “encomendables aos poderes públicos”, desaconselhadas por qualquer proposta normativa que nom seja a do castelhano coloquial. Ainda, o desrespeito polo novo acordo normativo é patente na carta, chegando ao extremo de traduzir o nome deste cabeçalho para ‘Novas de Galicia’.

Solicitam 5 anos de prisom e 6.000 euros de multa para cinco filiados da CIG polos sucessos do 1º de Maio de 2005

Depositam à porta de Sam Caetano numerosos símbolos fascistas retirados nos últimos meses por NÓS-UP

REDACÇÃO / A campanha desenvolvida por NÓS-Unidade Popular desde Novembro de 2006 culminou com a entrega de dúzias de elementos de propaganda fascista retirados de diferentes espaços às portas da Junta da Galiza na manhã do passado dia 13 de Junho. Junto às placas, cruzes, escudos e símbolos falangistas, entre outros elementos, uma delegação da organização independentista realizava uma concentração de denúncia enquanto três dirigentes faziam entrega do censo dos símbolos retirados e de uma carta dirigida ao presidente Pérez Tourinho e ao vice-presidente Anxo Quintana reclamando “o cumprimento das leis quanto à necessária eliminação dos símbolos franquistas que ainda inçam o nosso país”.

Ao longo desta campanha de desobediência social a repressom nom faltou, da mao da “perseguição policial e judicial” assim como por “denúncias de forças políticas como o PP, o PSOE e IU contra membros de NÓS-UP”, o que para o porta-voz nacional da organização, Maurício

Castro, é só uma mostra das “graves carências do sistema monárquico espanhol em vigor”.

5 anos de prisom e 6.000 euros de multa

No 1º de Maio de 2005 o fecho da manifestação da CIG desenvolvida em Vigo foi interrompida por uma dura carga policial com o pretexto de ter sido atacada uma sucursal bancária no transcurso da marcha. Três militantes de Briga, filiados à central nacionalista, e outros dous membros da CIG fôrom posteriormente processados por “delitos de danos, de atentado, resistência e quatro faltas de lesões” aos polícias que participaram na carga, de maneira que a Fiscalía solicita uma condena de 5 anos de prisom e 6.000 euros de multa. A carga policial produziu-se após a irrupçom dos agentes na mobilização para deterem três pessoas, ferindo gravemente uma militante de NÓS-UP e golpeando dúzias de manifestantes. Os detidos denunciaram maus tratos durante a sua estância na esquadra policial.

Queimam bandeira espanhola da Cámara de Porqueira

REDACÇÃO / Segundo informou o jornal ourensano *La Región*, um grupo de pessoas arrancou e queimou a bandeira espanhola da Cámara Municipal de Porqueira. O símbolo apareceu ardido posteriormente à porta da igreja da aldeia de Paradela (no mesmo termo municipal). Poderá tratar-se do quarto roubo da bandeira nos últimos tempos.

Segundo o jornal, a Guarda Civil está a tentar averiguar a autoria do roubo e posterior queima, centrando a sua investigação

numha acçom planificada por independentistas ‘radicais’, podendo inculpar os autores por um delito de ofensas às instituições ou símbolos do Estado (ultraje à bandeira) e mesmo de enaltecimento do terrorismo, penados com até cinco anos de prisom.

Este hipótese dim estar apoiada na proliferação, nos últimos meses, de pintadas alusivas à independência nacional em paredes e fachadas de prédios em Ginzo de Límia e outros pontos da comarca.



A política urbanística de factos consumados pretende construir um porto desportivo nas antigas instalações de Massó

Vizinhança de Cangas continua a paralisar obras do porto desportivo de Massó

REDACCOM / As obras do porto desportivo de Massó, contempladas no PGOM aprovado pelo PP na anterior legislatura, continuam paralisadas. Vizinhos e vizinhas de Cangas, organizados em torno do Foro Social pola Defensa do Povo, apresentam-se cada manhã perante os trabalhadores desde Outubro de 2005. Fam-no para impedir que a política urbanística de factos consumados avance com um projecto de manifesta ilegalidade e que, segundo denunciam, se encontra "totalmente de costas aos interesses do povo trabalhador" e constitui umha

agressão ao meio natural e ao património histórico do Morraço.

Mas a luta contra a especulação nom sai debalde à vizinhança de Cangas. Aos confrontos com a empresa Construcciones Dios SL, encarregada das obras de recheio, há que somar a constante intimidação da Guarda Civil. Mais de 30 pessoas fôrom denunciadas por "coacções e vexações" neste último ano e meio. As penas com que se confrontam chegam até os seis meses de prisom. Além disto, poderiam ver-se imersos também num macrojulgamento por 'responsabilidade civil' no qual Construcciones Dios SL pediria dos acusados umha indemnização polas perdas económicas.

Porém, desde o começo da campanha eleitoral e até hoje as identificações policiais cessárom, a construtora desistiu de tentar trabalhar nas obras e os operários já só fam acto de presença. A queda da maioria absoluta do PP fijo com que a atengom dos sócios do projecto, Caixanova (com 51%) e Marina Atlántica (com 49%), se centrasse no que acontece na Cámara municipal.

A Alternativa Canguesa de Esquerda (ACE), com três vereadores, é a força chave para, junto com o BNG e o PSOE, formar um governo de progresso. As conversas están em andamento e até agora a ACE, com Mariano Abalo à frente, é a única das três forças políticas que se opujo radicalmente ao PGOM e que exige a anulação dos convênios de Massó e de Aldám. BNG e PSOE, polo contrário, continuam a optar pola via da negociação e nom rejeitam o projecto do arquitecto Normam Foster, contratado por Marina Atlántica para o desenho do porto desportivo.

250 euros de multa por umha projecção livre e gratuita

REDACCOM / O Cineclub de Compostela foi condenado a pagar 250 euros mais juros à produtora Cámara Oscura Películas, e ainda a assumir os custos do julgamento que tivêrom com o responsável por esta, Pablo Llorca. O conflito começou com a projecção, em 2006, do documentário Terra Negra, de Ricardo Íscar. Este filme fora-lhes facilitado polo próprio director, já que a produtora impedia a sua distribuição. Baseando-se nisto,

em que a versom projectada nom fosse a comercial e no carácter gratuito do acto, o Cineclub negou-se a pagar a quantidade reclamada por Cámara Oscura como "direitos de exhibição". Porém, a sentença destaca agora o facto de a projecção ser de acesso livre e gratuita para impor o pagamento. Para enfrentá-la, o Cineclub vai realizar umha jornada em apoio da cultura livre no dia 6 de Julho no centro social 'o Pichel' de Compostela.

'Bloco Galiza' no protesto contra a cimeira do G8

REDACCOM / A Galiza articulou os seus próprios protestos perante a cimeira dos Estados mais poderosos do planeta, realizada na Alemanha em meados de Junho. Em Compostela, umha plataforma AntiG8 convocou duas jornadas de cinema de rua, que fôrom mui concorridas, com o intuito de socializar a denúncia. Como culminação das actividades, umha manifestação percorreu o centro da cidade. Perto de duzentas pessoas, na sua maior parte moços e moças independentis-

tas e anarquistas, incêrrom as lojas de pintadas reivindicativas. As palavras de ordem apontavam para os efeitos do imperialismo e do produtivismo selvagem na Galiza. Denunciou-se o AVE, a especulação e o aumento das medidas repressivas. Dous dias depois um acto semelhante percorria as ruas de Vigo, encabeçado por umha representação de teatro de rua que reproduzia ironicamente os amos do mundo. Este acto também foi apoiado pola CIG-Mocidade.

CRONOLOGIA

◆ 11/05/07

Estoura umha bomba caseira na sede viguesa do patronato do metal. Os trabalhadores ocupam quatro sucursais bancárias e a estação de trem, e exigem a expulsão dos estaleiros das empresas que incumprem o convénio.

◆ 12/05/07

Mobilização no porto de Conjeiras, em Ferrol, para exigir a saída imediata do navio Galicia Spirit, reúne mais de mil pessoas.

◆ 14/05/07

José M. Abeijón Ares, trabalhador da construção do Carvalhinho, com 20 anos de experiência, morto ao cair da obra no polígono residencial Sam Paio de Návía (Vigo).

◆ 15/05/07

Centos de trabalhadores do naval assaltam a delegação da Junta em Vigo. A detenção de três trabalhadores, eleva a 8 o número dos detidos desde o começo dos protestos.

◆ 16/05/07

ADEGA denuncia que continuam a se apresentar projectos de minicentrais em zonas da Rede Natura: nos rios Grande (concelho de Chandreja de Queixa); Sil (Nogueira de Ramoim); Camba (Laça); no Deva (Arvo) e no Teia (Covelo).

◆ 18/05/07

Aprovado o ditame do projecto de Lei de Polícia da Galiza, que criará um instituto armado de titularidade galega.

◆ 19/05/07

Conselharia da Cultura gastará 2,5 milhões de euros para vigiar as obras da Cidade da Cultura, mas assegura que nom encarecerá o projecto.

◆ 21/05/07

16 pessoas vivem no domicílio de Enrique Nóvoa, presidente da Cámara e candidato polo PP de Ourense, segundo o censo. Ao dia seguinte, descobre-se que o seu filho e a sua secretária tenhem recenseadas 7 pessoas cada umha nas suas residências particulares.

◆ 22/05/07

Indústria madeireira portuguesa alerta da falta de matéria prima após a exploração e os incêndios e propom comprar eucalipto galego.

◆ 23/05/07

Hidroeléctrica de Cardelle SL apresenta projecto para umha mini-cen-



tral em Beariz com um estudo ambiental de 1987.

◆ 24/05/07

Jesús Lence Ferreiro, administrador único de Leche Río, condenado a 4 anos de prisão por um despejo poluente ao rio Tórdea que causou a morte de mais de 3.000 peixes.

◆ 25/05/07

Subdelegado do governo espanhol em Ponte Vedra, Delfín Fernández Álvarez, anuncia que apresentará denúncias contra membros dos piquetes da construção na greve produzida dos dias 23 e 24, a primeira do sector em 18 anos.

◆ 26/05/07

Precri@s em Luita ocupam dous prédios em Vigo para denunciar a especulação imobiliária.

◆ 27/05/07

Vizinhança de Valga corta as vias do trem à espera de que o acordo entre a Câmara Municipal e as instituições ferroviárias espanholas seja definitivo.

◆ 28/05/07

Os marinheiros Maximino Blanco e Félix Armando Peña morrem após encalhar o pesqueiro *El nuevo Amadorín de Burela* na ilha da Pancha (Riba d'Eu). O terceiro tripulante, Óscar Blanco, também aparece morto dous dias depois.

◆ 29/05/07

Estudo da USC reflecte que os meios mais subvencionados por Política Linguística (Grupo Voz e Editorial Compostela, proprietária do El Correo Gallego) reduziram o uso do galego nos últimos anos.

◆ 30/05/07

O Mourad Didouche entra na ria de Ferrol para abastecer Reganosa enquanto a polícia espanhola impede a mariscadoras e mariscadores saírem trabalhar. O juiz envia Bernardo Bastida para a prisão sem fiança.

◆ 31/05/07

Líder do BNG de Gondomar denuncia que operários da Câmara municipal queimaram centos de papéis de Urbanismo e da Casa de Cultura após a perda da maioria absoluta do PP local.

◆ 01/06/07

Manuel Cendán, presidente em funções da Câmara de Ares, denunciado por tentar atropelar um vizinho que retratou 'carregando' uma mulher.

António Lores, da Plataforma em Defesa da Enseada de Sam Simom

“Em relação à protecção do património ambiental a atitude da actual Junta é a mesma que a da administrada pelo PP”

REDACÇÃO / António Lores é integrante da Plataforma em Defesa da Enseada de Sam Simom, que trabalha no âmbito da protecção de toda a ria de Vigo. Depois de ter conseguido paralisar outros projectos agressivos, a nova ameaça parte de um projecto de oleoduto difundido em vários meios de comunicação que se construiria num espaço protegido por ordens comunitárias. Passa por baixo da casa do entrevistado que, quando materializado o projecto, se veria obrigado a mudar de domicílio

De novo a beira sul de Rande está ameaçada. Quais foram os anteriores projectos que se tentaram levar a cabo nesta zona protegida pela Rede Natura?

O anterior projecto foi a fábrica de cimento de Duchess S.A. Depois de quase dous anos de lutas legais e mobilizações locais, conseguimos paralisar esta barbaridade. O litoral do estreito de Rande está a sofrer um novo recheio por parte da Pescanova. Da Plataforma em Defesa da Enseada de Sam Simom interpusimos Recurso Contencioso Administrativo contra a autorização que lhe concedeu a Autoridade Portuária de Vigo. O expediente está cheio de irregularidades, a mais grave a falsidade em documento público ao afirmar que o Lugar de Interesse Comunitário (LIC) Rede Natura Enseada de Sam Simom está a 700 m. águas acima de Pescanova quando, na realidade está a zero metros e,

portanto, afectada pela Directiva Europeia 92/43 Habitat e posteriores normativas estatais e autonómicas. Por se isto fosse pouco, na actualidade está-se a tramitar um recheio no estreito de 16.000 m² ao pé da ponte de Rande para a construção de um cais para a firma Tranvías Eléctricos de Vigo, destinado a construir uma fábrica dedicada a armazéns frigoríficos, central transformadora de alimentos e indústrias auxiliares.

Qual é a posição da Plataforma de Vizinhos de Rande perante a possível instalação da boca do oleoduto neste lugar?

Pensamos que não é o lugar adequado para a boca do oleoduto, pois há que pensar que isto implicaria o tráfego de petroleiros no estreito de Rande, com o prejuízo que isso implicaria para a população local e dos arredores.



A tua casa está mesmo em cima do lugar onde se abriria o oleoduto. Como che afectariam as obras?

Todo o que aconteça na ria repercute directamente na enseada de Sam Simom. Portanto preocupamos tanto o que suceda aos vizinhos de Rande como o resto de vizinhos da ria.

O meu caso, assim como o de outros muitos vizinhos que ficaríamos afectados, tanto pelas obras de instalação do oleoduto, como pelas cargas e descargas dos petroleiros que levem o biodiesel e os demais barcos que tragam as matérias primas. Esperemos não ter que mudar

de domicílio porque, tal como sucedeu com o tema da cimenteira de Duches S.A., esta situação seria também ilegal para a boca do oleoduto.

Depois de conhecer diferentes denúncias sobre a actividade permissiva de Património ou certas actuações controversas de Meio Ambiente. Como valorizas a atitude da Junta perante este tipo de problemáticas?

Infelizmente temos que dizer, contra o que cabia esperar, que a atitude da Junta administrada pelo PSOE e pelo BNG é a mesma que a Junta administrada pelo PP.

Apresentou-se a UNIAT apesar das pressões da Conselharia da Educação

REDACÇÃO / Em meados de Junho apresentou-se em Tarazona (Rianjo) a Uni-Plataforma de Ensino para o Desenvolvimento, que se configura como uma iniciativa educativa comunitária articulada mediante a fórmula de federação aberta de entidades privadas sem ánimo de lucro.

É, pois, uma proposta baseada integralmente no tecido organizativo da sociedade civil, com plena independência no que de respeito aos poderes públicos e aos interesses comerciais. As suas linhas de acção basearam-se num “compromisso firme pelo desenvolvimento local integral e sustentável”. No entanto, a nova plataforma nasce já com a oposição da Conselharia da Educação, que mesmo pressionou para que se mudasse o nome original (Universidade Autónoma do Atlântico) para o actual, alegando supostas incompatibilidades pelo uso do termo ‘universidade’ no enquadramento da actual Lei Orgânica de Universidades (LOU), por muito que a nova plataforma se está constituindo ao amparo da Lei de Associações, que sim

aceita o uso do termo, como provam outras entidades já existentes como a Universidade Rural do Eume.

A ingerência do gabinete da socialista Laura Sánchez Piñón obrigou a uma rápida mudança do nome apenas duas semanas antes da apresentação pública e a cancelar boa parte da campanha de publicitação do evento. Porém, a insistência da organização conseguiu que assistissem personalidades da vida cultural e da sociedade civil e ainda numerosos representantes do associacionismo da Barbaça.

Sabotagem contra McDonald's em Samil

REDACÇÃO / Um correio electrónico recebido pelo portal galizalivre.org dava notícia de um ataque realizado por activistas anti-capitalistas contra o restaurante de comida rápida McDonald's na praia viguesa de Samil.

Segundo a comunicação anónima, o restaurante teria ficado com os vidros escachados, e com sérias danificações nos painéis de anúncios exteriores. Enquadraram o ataque nos protestos contra o G8 e, mais amplamente, na 'vaga de resistência galega contra Espanha e o capital'.



Participantes da ocupação de Vigo, ao saírem da Panificadora / galiza.indymedia.org

O movimento pola ocupação ressurgue com duas tentativas em Ourense e Vigo

REDACÇÃO / O dia de início da passada campanha eleitoral, activistas polo direito à habitação tentáron ocupar em Ourense um edificio abandonado, propriedade de Cáritas, com o intuito de o converter na sede da sua particular 'campanha'. Durante 15 dias, a Assembleia pola Vivenda Digna dessa cidade queria fazer da casa abandonada um alto-falante da denúncia contra a especulação, assim como um exemplo de como -através de

palestras, comedor popular e outras actividades que tinham programadas- é possível dotar de usos sociais os milhares de edificios que morrem para beneficio único da especulação imobiliária. A iniciativa, porém, foi abortada pola polícia municipal de Ourense no momento em que os primeiros activistas entravam no edificio, detendo um moço e umha moça primeiro acusados de tentativa de roubo, e finalmente condenados unicamente

por umha falta de resistência à autoridade.

No dia 26 de Maio, em vésperas das eleições municipais, mais de cinquenta activistas de movimentos populares ocupavam a Panificadora, umha grande instalação industrial no centro de Vigo. A acção, semelhante à de Ourense, tentava articular um CS improvisado para denunciar a falta de direito à habitação, e ao mesmo tempo organizar actividades diversas para socializar a

necessidade de alternativas. Neste caso, a vigilância privada e a intervenção da polícia municipal conseguiu que a ocupação da velha fábrica durasse apenas duas horas, se bem as e os activistas se deslocáron a outro edificio abandonado da cidade, onde durante dous dias tiveron lugar palestras, projecções de vídeo, apresentação de iniciativas sociais e umha assembleia na que se acordou continuar com iniciativas semelhantes no futuro.

5 mortes sob custódia e 50 denúncias de tortura no 2006

REDACÇÃO / No passado mês de Maio apresentava-se em Compostela o Relatório sobre a Tortura no Estado Espanhol da Comissom para a Prevenção da Tortura. Este organismo, que agrupa quase cinquenta associações, alerta sobre o especial incremento das denúncias por tortura na Galiza, que passaram de 21 em 2005 a 50, incluindo umha em Ponferrada, no ano

passado, de maneira que percentualmente estamos a falar de 138% mais. O relatório recolhe ademais as cinco mortes produzidas sob custódia nesse ano no nosso País, quatro nas cadeias (B.F.L. em Monterroso e R.F.A., David C.F.M. e I.J.P. na Lama) e umha nas dependências da polícia local de Betanços (Jua Carlos G.C.). As denúncias produzidas agrupam-se em dezaseis casos, dos quais os que tentam mais denunciante som os de oito pessoas (umha com traumatismo grave num olho) agredidas pola Polícia Espanhola numha manifestação do metal em Vigo a 8 de Maio, os ataques dos funcionários de prisiones no motim de Teixeira a 16 de Julho, a carga com violência contra vendedores ambulantes da Rua Real da Corunha a 27 de Agosto e os

ferimentos produzidos pola Polícia Espanhola a cinco maricadores de Ferrol a 17 de Setembro ou a cinco bombeiros na Corunha a 13 de Dezembro. Ademais destes, destacam casos como o de A.S.R., detido a 24 de Agosto nas proximidades de Briom pola Guarda Civil, que lhe bateu numha ferida que tinha na perna depois de serem advertidos deste facto.



◆ 02/06/07

Investigações por delitos urbanísticos em O Grove alcançam polo menos dez urbanizações.

◆ 03/06/07

A empresa Monesa, auxiliar do estaleiro Vulcano de Vigo, despede 21 trabalhadores para cumprir a percentagem de emprego efectivo pactuado na greve do metal.

◆ 04/06/07

O trabalhador português Carlos Fernando da Silva Oliveira, subcontratado por Construcciones Taboada y Ramos morre na sanja em que trabalhava. Em Vila Franca do Berzo, David R.E., falece também ao capotar o tractor com que limpava umha pista florestal.

◆ 05/06/07

José M. Castro Pampín, marinheiro de Marim, desaparece quando trabalhava em Namíbia.

◆ 06/06/07

Segundo Gallardo Núñez e Manuel Antonio Lombardía Fernández, mortos ao caírem por umha terraplenagem o carro de umha brigada de obras em Cervantes. Outros dous brigadistas ficam feridos.

◆ 08/06/07

Adega denuncia que vinte e sete viveiros da costa galega nom temhem licença para realizarem despejos ao mar.

◆ 09/06/07

O.G.R., de Róis, contratado pola empresa Arines, morre esmagado por umha máquina nas obras da autoestrada do Barbança. Isidro Llorido Ramos e Ramiro Fernández Lombardía, falecem num acidente no Corga, quando se dirigiam a umha obra em que iam trabalhar.

◆ 10/06/07

Manuel Gómez García, empregado do viveiro de Souto Redondo em Lousame morre ao cair num poço para a cria de truitas.



www.inovagaliza.com
| desenho | comunicação | publicidade |





Afganistão em guerra

DUARTE FERRÍN / A razão da guerra no Afeganistão não foi libertar a nação dos talibãs mas desbaratar uma rota para o petróleo do Mar Cáspio. Essa rota está a ser aberta a partir do Mar Cáspio através do Turcomenistão, Afeganistão e Paquistão até aportar em Karachi. Daí iria pelo Mar da Arábia até os portos estado-unidenses. Portanto, mais uma vez a ONU está a facilitar o jogo aos EUA ao apoiar esta invasão.

Após cinco anos de ocupação militar internacional, a situação no país vai de mal a pior.

Os bombardeamentos de aviões ingleses, americanos e franceses nas províncias meridionais de Kandahar e Helmand som desde há um ano quotidianos e cada um deles significa uma matança de civis.

A população civil é, mais uma vez, a grande vítima desta guerra silenciosa. A Comissão Afegã Independente dos Direitos Humanos denunciou num relatório do passado mês de Abril que em muitas ocasiões os civis som os principais objectivos dos bombardeamentos, ataques suicidas e operações militares.

No passado mês de Março soldados estado-unidenses perpetraram a matança de 19 civis.

Entre os dias 27 e 29 de Abril, forças especiais estado-unidenses durante uma operação militar em Shindand mataram uns 60 civis, incluindo crianças, segundo a Comissão Independente dos Direitos Humanos no Afeganistão e mais de 100 segundo testemunhas entrevistadas pela agência de notícias da ONU. Também deixaram 52 pessoas feridas, e quase 1.600 famílias tiveram que deslocar-se e muitas outras necessitam de ajuda humanitária urgente após os bombardeamentos efectuados por aviões de combate estado-unidenses sobre várias localidades deste distrito, na província de Herat. Noutro incidente



Membros das forças de ocupação estado-unidenses no Afeganistão

acontecido a 27 de Abril, forças estado-unidenses assaltaram uma casa no Leste da província de Nangarhar em que mataram seis pessoas e levaram outras três.

A 10 de Maio 21 civis morreram num bombardeamento da NATO.

A frustração da população perante o número de vítimas civis, a falta de comida e ajuda humanitária, a corrupção governamental e o escassíssimo avanço em campos como a educação, a saúde, o trabalho ou o desenvolvimento económico é cada vez maior. Além disso, cinco anos depois da queda do governo talibã, não foi conseguido nenhum avanço em relação aos direitos humanos e à situação das mulheres. Todo o contrário.

No Sul, já desde há mais de um ano a população entendeu que as forças internacionais estão lá para destruírem, que não fiquem nem farão nada pelo país. Agora este pensamento está-se a activar também no Oeste, onde até agora

não eram vistas com hostilidade.

Entretanto José Antonio Alonso afirma: "Não estamos no Afeganistão numa acção bélica mas para garantirmos a segurança; a situação no país não é bélica", mas há tropas de 37 países numa força liderada pela NATO, bombardeamentos diários dos B-1 estado-unidenses, ataques cada vez mais frequentes de talibãs e insurgentes (muitos deles com kamikazes), 2.739 mortos entre Setembro e Fevereiro segundo o último relatório de Nações Unidas, 700 vítimas civis em 2006, segundo a Human Rights Watch, e 380 desde Janeiro até Junho. Isto não é guerra?

Ainda que os 700 soldados do Estado espanhol não tomem parte nos combates mais duros no Sul do país, participam, junto com tropas italianas, americanas e afegãs sob o Mando Regional Oeste, numa missão para a "impermeabilização" da raia entre as províncias ocidentais de Farah, Herat e Ghor e a de Helmand, na qual está

a ter lugar uma forte ofensiva militar. Quer dizer, tentam evitar que os talibãs tentem refugiar-se na área Oeste, fronteira com o Irão. Contudo, "os talibãs já chegaram ao Oeste" e além disso as tropas espanholas som forças especiais que fôram treinadas para algo mais do que patrulhar. De maneira que cedo ou tarde entrarão em combate, combate 'humanitário' claro.

Retirar as tropas espanholas do Afeganistão seria um desafio à política norte-americana que o complacente governo de Zapatero não tem a coragem de realizar, mas mantê-las lá nesta missão de ocupação militar do país, por objectivos estratégicos, não tem nenhum sentido, a não ser o de ficar bem com os EUA ou o de estar à espera de parte da pilhagem.

Por outro lado, as forças de ocupação no Afeganistão consentem o narcotráfico, que produz entre 120.000 e 194.000 milhões de dólares em receitas para

o crime organizado, as agências de inteligência e instituições financeiras ocidentais.

O narcotráfico do Afeganistão, que fora lançado pela CIA nos inícios dos anos oitenta, é agora restaurado com a presença militar dos EUA, já que o governo talibã, com a colaboração da ONU em 2000/2001, conseguiu uma diminuição de 94% no cultivo de ópio. Desde a invasão dirigida pelos EUA em 2001, a produção de ópio aumentou 33 vezes, de 185 toneladas em 2001 com os talibãs a 6.100 toneladas em 2006. As áreas cultivadas aumentaram 21 vezes.

Os meios ocidentais culpam exclusivamente os talibãs e os senhores da guerra, mas os grandes beneficiários deste comércio estão fora do país. O ganho em dólares deste lucrativo contrabando mega-milionário é depositado em bancos ocidentais.

Em 2006, o Afeganistão forneceu 92% do abastecimento mundial do ópio que é utilizado para produzir heroína.

O comércio afegão em opiáceos constitui uma grande parte do volume de negócio mundial com narcóticos e o narcotráfico constitui a terceira mercadoria global pelo seu tamanho em termos monetários depois do petróleo e do tráfico de armas.

Uma grande parte do branqueamento de capitais global estimado pelo FMI está vinculada ao narcotráfico, um terço do qual está ligado ao tráfico do ópio do Afeganistão.

A 8 de Junho um helicóptero de transporte de tropas Chinook da NATO foi derrubado por um míssil na província de Helmand com resultado de 35 militares mortos segundo fontes da resistência afegã. Nom obstante, na NATO comunicaram a queda da aeronave por causas desconhecidas, admitindo só a morte de sete soldados.

NOVAS DE ALÉM-MINHO

NUNO GOMES / Segundo o linguista australiano Geoffrey Hull, o pleno desenvolvimento do tétum enquanto língua moderna terá de ser feito pela associação ao português. O 'tétum-nacional' (variante predominante do tétum, a mais falada das línguas de Timor-Leste) nunca teve tradição escrita, tem um vocabulário limitado e não tem complexidade gramatical. O que o especialista australiano defende é que deverá ser o português a 'emprestar' palavras ao tétum, e não as línguas mais influentes na área, como o inglês (Austrália) ou o bahasa (Indonésia). Assim o tétum podia crescer associado a uma língua com a qual conviveu nos últimos séculos, e evitaria a sua dissolução nas línguas

circundantes. É que, caso se associasse ao bahasa ou ao inglês, o tétum poderia confundir-se com estas línguas, o que nunca aconteceria com Portugal e a língua portuguesa, que estão suficientemente longe. Lembre-se que a língua oficial de Timor-Leste é o português, mas a geração abaixo dos 30 anos (dominante) viveu sob a ocupação indonésia e ignora a língua portuguesa. A variedade linguística de Timor-Leste é tão grande que o único factor de união nacional poderá ser mesmo a língua. Seja esta o tétum ou o português. Ou o 'tétuguês'.

Até ao fim do mês de Junho deverá ficar concluída a A24, que liga Viseu a Vila Verde

da Raia (Chaves), ficando assim concluída a segunda ligação por auto-estrada com a fronteira galega. O troço em falta tem 11 quilómetros e liga Fortinho (Vila Real) a Felperra (Vila Pouca de Aguiar).

Foi apresentada a proposta de transformar Chaves e Verim numa eurocidade. A CCDR-M (Comissão de Coordenação e Desenvolvimento Regional do Norte), que recebeu a proposta, esclareceu que o apoio está garantido. Uma rede de transportes urbanos comum, a partilha de equipamentos e espaços dedicados à logística, uma agenda cultural comum e uma política ambiental única serão alguns dos objectivos desta agremiação.

A Associação Têxtil e Vestuário de Portugal e a galega *Asociación de Industrias de Punto y Confección* firmaram um protocolo para a criação de um megacóster têxtil e de moda no noroeste peninsular. No entanto, as acções a promover não foram ainda apresentadas.

O 'Espaço Memória e Fronteira', em Melgaço, foi inaugurado no dia 27 de Abril pela Ministra da Cultura, Isabel Pires de Lima. O novo edifício propõe-se cartografar o antigo tráfico e emigração para o território galego, que tinha especial importância no concelho de Melgaço, quase totalmente cercado de municípios galegos e com uma fronteira maioritariamente terrestre.

O plano de internacionalização da Universidade de Santiago de Compostela

CARLOS CALVO

No último claustro da Universidade de Santiago de Compostela decidiu-se começar umha política de "internacionalização da USC" para captar estudantes do estrangeiro. O primeiro passo vai ser a implantação de mais aulas em "línguas internacionais", doce eufemismo de 'inglês', que fagam mais atraente a oferta da USC. Para compreender isto adequadamente temos de analisá-lo da óptica do Processo de Bolonha, quer dizer, da lógica de mercado neoliberal aplicada ao ensino superior europeu; ao fomentar umha autêntica concorrência de mercado entre universidades (especialmente nas pós-graduações e títulos mais altos), estas devem responder com méritos exclusivamente económicos para continuarem para diante. Um triste exemplo desta política a nível mundial é a da Universidade de Chicago, que apesar do seu gigantesco número de prémios Nobel, mudou de política educativa virando para o neoliberalismo. Falando claro, as faculdades deverão vender-se o melhor que puderem ao mercado, e um produto em inglês tem muito maior nicho de mercado que um produto em galego (tendo mesmo em conta toda a Lusofonia)... para além da sua hegemonia total no capi-



tal simbólico.

Porém, analisando esta medida do próprio ponto de vista neoliberal, seria realmente eficaz? Que 'mercado' ganharia a USC oferecendo aulas em 'línguas internacionais' (que, já agora, o galego também é)? É viável pensar que umha pessoa de, digamos a França, venha estudar à USC? Nom nos enganemos, estamos a jogar com regras neoliberais, as regras dos 'grandes', mas nós nom somos o Reino Unido ou a Alemanha. Sejamos realistas, para as únicas pessoas da Europa às

quais estudar na Galiza pode implicar umha ascensão na hierarquia social, económica e simbólica (fruto das duas primeiras) é para o estudiantado de Portugal (já que Espanha tem maior peso económico, simplesmente). Mas estas pessoas já falam a nossa língua, sem termos necessidade de mediar com a 'moeda comum lingüística', 'moeda' que dito seja de passagem acarreta um enorme ganho (de diverso tipo) para o seu âmbito materno: a região anglo-saxona.

O ALCA (Acordo de Livre

Comércio para as Américas) exige que todas as transações se realizem em dólares. Deste modo os EUA controlam o comércio da região e asseguram o fluxo constante de capitais para os EUA. Estabelecer um paralelismo entre isto e o controlo lingüístico do inglês no âmbito académico é bem singelo. Mas numha universidade na que o galego só se usa no 19,6% das aulas, Senén Barro aposta pola "internacionalização" lingüística...".

Carlos Calvo é estudante da Universidade de Santiago de Compostela

PARA COMPREENDER ISTO TEMOS DE ANALISÁ-LO DA ÓPTICA DO MERCADO NEOLIBERAL APLICADA AO ENSINO; AO FOMENTAR UMHA AUTÊNTICA CONCORRÊNCIA DE MERCADO ENTRE UNIVERSIDADES, ESTAS DEVEM RESPONDER COM MÉRITOS ECONÓMICOS PARA CONTINUAREM PARA DIANTE. FALANDO CLARO, AS FACULDADES DEVERÃO VENDER-SE O MELHOR QUE PUDEM E UM PRODUTO EM INGLÊS TEM MUITO MAIOR NICHOS DE MERCADO QUE UM PRODUTO EM GALEGO

www.novasgz.com | assinantes@novasgz.com | Telefone: 699 268 032

NOVAS DA GALIZA



Preenche este impresso com os teus dados pessoais e envia-o a NOVAS DA GALIZA, Apartado 39 (CP 15.701) de Compostela

☐ Subscrição + livro = 25 € ☐ Subscrição anual = 20 € ☐ Assinante Colaborador/a = ____ €

Nome e Apellidos Telefone

Endereço C.P.

Localidade E-mail

☐ Nº Conta

☐ Junto cheque polo importe à ordem de Minho Média S.L.

Assinatura

xuño 2007 / febreiro 2008

Senescencia. Ignacio Pardo

3 maio-1 xullo

Salir a

10 maio-24 xuño

Arte no parque. Esculturas na terraza

xuño-setembro

Xavier Toubes. Tras dos agros

14 xuño-2 setembro

Avance dunha continxencia.

Arquitectura contemporánea en Galicia

6 xullo-2 setembro

A viaxe. Novas peregrinacións

12 xullo-26 agosto

Carme Nogueira e Apolonija Sustersic

Obra específica para o Dobre Espazo

6 xullo-9 decembro

Cuestión xeracional

7 setembro-21 outubro

A batalla dos xéneros

13 setembro-9 decembro

Proxecto-Edición: Información Contrainformación

31 outubro-6 xaneiro

Lodeiro

14 decembro-febreiro

Susan Philipsz

20 decembro-febreiro

A FUNDO

A Cidade da Cultura avança com o bipartido no continuísmo entre a indiferença social

REFORMULAM-SE CONTEÚDOS ENQUANTO SE OCULTA QUE A CANCELACÃO DAS OBRAS SÓ TERIA CUSTADO UM 6% DO SEU ORÇAMENTO

As obras voltam a avançar desde 2 de abril no destruído monte Gaiás. O megalómano projecto, do qual se colocou a primeira pedra em Janeiro do 2001, continua agora sob responsabilidade directa do BNG. Após um questionamento serdido e interesseiro dos meios de comunicação social, um tempo de parálise e um processo de diálogo com diferentes agentes culturais, reformuláram-se certos conteúdos mas manteve-se o

essencial: um complexo inadequado para as necessidades culturais prioritárias do País, baseado no esbanjamento dos fundos públicos- com um custe superior mais de duas vezes e meia ao do Guggenheim em Bilbao-, e umha difícilmente assumível hipoteca para o futuro. Como cenário de fundo, passividade social, desinformação institucional e continuísmo disfarçado de transformação funda.

GUILHERME CAEIRO / A que no seu dia foi chamada "Montanha Mágica", "acrópole cultural", ou "lugar de peregrinação das artes", e defendida por Fraga como "a maior obra do mundo", tam só tivo umha minoritária -bem que silenciada- contestação na sociedade galega. Da noite para o dia, o projecto antes referencial para o País segundo o consenso mediático, tornava-se no ano passado num despropósito sem conteúdos que nom deveria ter começado, e num dos principais problemas do novo governo; um exemplo dificilmente melhorável de como os meios marcam a agenda oficial do País, ainda emendando-se a si próprios.

O acordo de governo concluído polo PSdeG e polo BNG apenas afirmava que o projecto seria revisado para servir "às necessidades mais urgentes com critérios de sustentabilidade económica e de rendabilidade social e cultural". Em Agosto de 2005, a nacionalista Ánxela Bugallo assumia a Conselharia da Cultura, e umha das primeiras medidas, -a de maior repercussão na palestra mediática- consistia na suspensom temporária das obras, desde Janeiro de 2006 até Março de 2007, em dous edifícios que estavam sem começar, o Teatro da Música e Novas Tecnologías, previamente licitados polo governo do PP já em funções, por 112 milhões de euros.



Durante a paralisação das obras, a Conselharia iniciou um processo de participação social, fundamentalmente através da constituição do Foro da Cidade da Cultura, que nom tinha como objetivo definir usos concretos mas apontar necessidades



Visom geral das obras da Cidade da Cultura, no monte Gaiás

A Lei de Contratos das Administrações Públicas afirma que qualquer obra pode ser suspensa pola rescisom do contrato com o pagamento dumha percentagem de 6% do preço da licitação. Haveria que lhe acrescentar posteriormente, os custos que gerarám o pessoal e os conteúdos

Um processo de participação para emendar o monstro do Gaiás

Durante a paralisação das obras, a Conselharia iniciou um processo de participação social, fundamentalmente através da constituição do Foro da Cidade da Cultura, que nom tinha como o objetivo definir os usos concretos mas apontar necessidades. Após a constituição dum conselho assessor, várias mesas temáticas, encontros sectoriais por disciplinas artísticas, quatro meses de juntanças e a participação de perto de 300 pessoas, as conclusões genéricas fôrom conceber a Cidade como um espaço para a criação e a formação -nom só exibição-, criar debate sobre a diversidade cultural, intensificar as relações entre cultura e o mundo empresarial, etc. As propostas concretas: mudar o nome ao complexo, garantir a conexom com Santiago, ou diagnosticar previamente a situação cultural galega.

Também se solicitaram dous relatórios ao Museu do Povo

Num foro aberto na rede para recolher sugestions para a reforma do projecto nom se chegou às 30 mensagens

Galego e ao Conselho da Cultura Galega. O primeiro, entre declarações carentes de muito conteúdo -"monstra do futuro, espaço de transferência do conhecimento", etc.-, atrevia-se com umha proposta de remodelação dos edificios em seis áreas que foi seguida em parte. Por sua vez, o Conselho da Cultura propunha reunir o património bibliográfico galego na Biblioteca, e a construção dumha biblioteca virtual, ainda que, com a existência dos suportes digitais, nom se precisa de tais dimensões. Por último, no foro aberto na rede para recolher sugestions nom se chegaram às 30 mensagens.

EM DADOS...

CIDADE DA CULTURA

SUPERFICIES

Superfície total: 1 milhom de m²

Muséu de Galiza: 172.000 m²

Centro de Arte Internacional: 135.000 m²

Obradoiro: 220.000 m²

Biblioteca Nacional: 122.000 m²

Arquivo Nacional: 86.000 m²

Serviços Centrais-Invest. do Património: 50.000 m²

FUNDAÇÃO CIDADE DA CULTURA

Criada em 1999, cumha dotação inicial de 15,325 milhões de euros.

ALGUNS ORÇAMENTOS

Orçamento inicial: 108 milhões de euros.

(Em marzo de 2005, o gerente da Fundação CdC, Ángel Currás, afirmou que nom conhecia o custo final porque havia que definir os conteúdos, mentres mantinha o 2008 como data para a finalização).

Orçamento total a dia de hoje: 388 milhões de euros.

Custo da segurança anual (em licitação): 350.000 euros.

Custo estimado ao ano da Cidade (estimación do informe do Concelho de Santiago): 48 milhões de euros.

Custo de interromper as obras 14 meses: 220.000 euros.



Quando nom se duplicam instalaçons à semelhança do período fraguiano, joga-se com declaraçons de boas intençons: nom é doado opor-se a umha biblioteca, um museu, galerias ou auditórios para as/os artistas; mas é que, em palavras de Pilar García Negro já há três anos, qualificaríamos de insensata a pessoa que tivesse três vídeos e catro televisores na súa morada e nom tivesse água corrente ou aquecimento

Razons económicas e 'remodelaçom' do projecto

Decidiu-se continuar os edifícios que restavam, e, chamativamente, rematar as obras encetadas; mantinha-se íntegro o orçamento total do projecto, 388 milhões de euros, mas tratava-se dumha questão de "responsabilidade política", e ainda se asseverou que praticamente a única possível.

O principal argumento residu no custe das indemnizações das construtoras pola cancelaçom definitiva, o que equivalia, segundo repetíam na Junta, ao custe do remate das mesmas, com a possibilidade de dotá-las de conteúdo. Porém, a Lei de Contratos das Administrações Públicas afirma que umha obra, mesmo licitada e contratada, pode ser suspensa simplesmente pola rescisom do contrato com o pagamento dumha percentagem -de 6%!- do preço da

licitaçom. Haveria que lhe acrescentar posteriormente, os custos que gerarão o pessoal e os conteúdos desses dous edifícios. Só em vigilância, e ainda sem funcionar as instalaçons, vai-se investir um milhar de euros por dia.

Quanto à transformaçom dos conteúdos, limita-se a bem pouco: a Biblioteca passa a ser Biblioteca Nacional com a inclusom da Hemeroteca -com um evidente desaproveitamento de espaços-, o previsto para Hemeroteca passa a ser Arquivo Nacional e da administraçom, o Museu passa a ser Museu da Galiza -para encher um alegado baleiro museístico- e nos Serviços Centrais irá criar-se um Centro de Investigaçom no Património. Ainda, o mais rechamante é a pertinência dos dous edifícios sem começar: o Teatro da

A Cidade da Cultura ideou-se com um orçamento previsto de 108 milhões de euros. Os custos actualmente estimados ascendem a 388 milhões, mais do triplo do inicialmente orçamentado

Música, originalmente um grande teatro de ópera, será reconvertido no Obradoiro, um centro de artes cénicas, visuais e musicais, dividido em espaços pequenos (auditórios, salas de exposiçom, etc...) e no previsto "Novas Tecnologias" irá localizar-se um Centro de Arte Internacional, num país que tem o CGAC e o MARCO.

Quando nom se duplicam instalaçons, que eram já realizáveis a partir do existente, à semelhança do que acontecia no período fraguiano, joga-se com declaraçons de boas intençons: nom é doado opor-se a umha biblioteca, um museu, galerias ou auditórios para as/os artistas; mas é que, em palavras de Pilar García Negro já há três anos, qualificaríamos de insensata a pessoa que tivesse três vídeos e catro televisores na súa morada e nom tivesse água corrente ou aquecimento. Com muita mais razom deveríamos aplicar estas palavras aos orçamentos públicos, nomeadamente se a factura ascende a 388 milhões de euros só na construçom.

Porém, avondou: para que o despropósito se transformasse para Touriño num "ícone do século XXI", para que o BNG falasse dumha metamorfose de "mausoleu faraónico de Fraga" a "motor da cultura galega", e para que o debate público e a crítica desaparecessem.

Continuamos na mesma

É mais do que provável que nunca estivesse sobre a mesa interromper o projecto. Há umha frase esclarecedora no Relatório do Museu do Povo: "a opçom de marcha atrás nom era considerada" apesar de esta ser considerada linha adiante como a alternativa mais razoável, "coerente com necessidades prioritárias" e, "mais acaída às possibilidades orçamentárias". Ficam por esclarecer o papel do Estado -no qual diferem PSOE e BNG-, a entrada do capital financeiro forâneo, a data de abertura, atrasada sucessivamente, ou como se vam conseguir os 800.000 visitantes anuais que calculara a Junta (mais do que todos os museus galegos juntos). Entre o que sabemos, conhecemos um dos usos concretos: um restaurante de luxo de Ferran Adrià.

Demonstra-se a capacidade das instituições para a integraçom da crítica, com acenos de participaçom e umha fraseologia de transformaçom do que nom parece diferente. O arquitecto Eisenmann -cujos honorários nom som públicos- afirmou que "nom se tratava dum projecto para o poder, mas dum lugar para as pessoas"; bem podemos concluir que é exactamente ao contrário. Quiçá num futuro próximo voltamos a levar as maos à cabeça, de novo tarde de mais.

EM DADOS...

COMPARATIVA USOS

JUNTA FRAGA	JUNTA PSOE-BNG
Biblioteca	Biblioteca Nacional e Hemeroteca
Hemeroteca	Arquivo Nacional
Serviços Centrais	Centro de Investigaçom do Património
Museu	Museu de Galiza
Novas Tecnologias	Centro de Arte Internacional
Teatro da Música	Obradoiro
	Espaço para os Nenos
	Em espaços de conexom entre o Arquivo e a Biblioteca



16
o-dezaseis
Casa de Xantar

o Estado español impom umha sangria económica os independentistas

Neste país, dar a cara sae caro

Colabora contra a repressom económica
2091 0395 21 3040001337

ADEGA ARRAIANA
HERDEIROS DE ANTÓN BÉRTOLO LOADA

Rias Baixas

Sela Estación - Arbo - Galiza
Telf: 619171358

galizalivre.org
A INFORMAÇÃO LIVRE E OPO

VALSE

ANÁLISE ELEITORAL

BNG: a ilusom do voto urbano oculta as eivas

ALONSO VIDAL / Após as últimas eleições autárquicas e a clássica ladainha de autoparabenizações e complacências dos principais partidos políticos da Galiza, sempre vencedores nunca vencidos, podemos parar-nos a analisar com algum detalhe os resultados eleitorais no que ao nacionalismo de respeito.

Obviando a mais que discreta participação de organizações populares e independentistas em plataformas eleitorais sem demasiado sucesso, e desconsiderando o autoproclamado e pouco crível carácter nacionalista de partidos como Terra Galega ou o Partido Galeguista de Manuel Soto em Vigo e Carlos Marcos em 'La Coruña', embora obtivessem resultados importantes nalgum concelho aproveitando o carisma dos seus líderes locais, antigos independentes, devemos centrar-nos fundamentalmente nos resultados obtidos por um BNG que enfrentava estas eleições após uma disputada assembleia nacional.

E nom lhe foi mal, na verdade. Numha primeira análise, nom podemos dizer que obtivesse resultados espectaculares, mas conseguiu resistir a pressom, mesmo acrescentando o poder local, alicerce de qualquer crescimento a nível nacional. Nom se trata do avanço espectacular que os líderes proclamavam, mas foi suficiente para impulsar a máquina nacionalista com mais brios durante um certo período de tempo, talvez o que dure a ilusom colectiva de conseguir quase o duplo de Câmaras municipais ou o que tarde em aparecer o fantasma da divisom interna.

O que mais deve preocupar a organização frentista é que os votantes que se criam mais consciencializados politicamente parecem abandonar o BNG nas cidades e apostam no bipartidarismo. Certo é que, como se dixo, a fonte tradicional em que bebia o crescimento do BNG, o voto urbano, foi-se polo esgoto de experiências de governo calamitosas (Vigo) ou incoerências programáticas (Ence, Reganosa, Navantia). O BNG de Trás-Ancos está provavelmente a recolher os frutos desses vaivéns. O que em Ponte Vedra é respeito pola ría e o ambiente, transforma-se, sem explicações convincentes, em compromisso com o desenvolvimento industrial na Reganosa. É certamente incompreensível para a militância nacionalista a perda de apoio na cidade do Leres, onde um PP quase inexistente organizativamente a nível local estivo a ponto



O BNG deverá valorizar essa minguia do apoio eleitoral nas cidades relacionada com a política de moderação. Em todo o caso a descida de apoio viu-se compensada polo crescimento em representaçom institucional

de arrebatar com maioria absoluta a presidência da Câmara insigne do BNG. As explicações dadas, que vam do assédio do funcionariado e das CCOO, tradicionalmente enfrentados com Lores, à apresentação de um candidato populista e 'marbelista' pola parte do PP, nom parecem suficientes e começa-se a falar já da falta de flexibilidade e cintura política do BNG e de membros da candidatura com poucas simpatias sociais. Em Vigo, após o recorde grotesco do governo PSOE-BNG, a população quase deu também ao PP a maioria absoluta. Nesta cidade ainda está por ver como se conjuga um governo 'de progresso' entre um PSOE pouco galeguista e um BNG que compartilhava com o PP a sua visom de cidade reflectida num Plano geral de ordenaçom contestado socialmente. A mesma candidata do PP chegou a oferecer um pacto ao BNG dada a sua confluyente visom de cidade. Quem poderia adivinhar tal cousa há uns anos?

Na cidade de Ourense o resultado também nom foi o esperado pola organização, que levou à cidade e à província toda a sua maquinaria eleitoral, com o próprio Quintana quase permanentemente instalado lá, e onde se esperava, apoiado nos inquiridos, conseguir a presidência da Câmara como força de 'progresso' mais votada.

Nas demais cidades o BNG aguentou com dignidade o bom momento do PSOE, repetindo resultados ou recuando ligeiramente; em qualquer caso, como no caso do Governo da Junta, perdendo, ganhou-se uma vez mais, já que o concurso do BNG tornou-se imprescindível para um PSOE que contava com

As razons desse êxito local é visto como o triunfo de equipas de trabalho locais muito coesas. Longe das luitas internas da organizaçom a nível nacional, podem ser os vimes em que assentar umha tendência nacionalista por todo o País

varrer por maioria absoluta em várias cidades.

O BNG deverá valorizar convenientemente essa minguia do apoio eleitoral nacionalista nas cidades fundamentalmente relacionada com a sua política de constante moderação que proclama o seu líder. Em todo o caso a descida de apoio viu-se compensada suficientemente polo crescimento de votos, vereadores e fundamentalmente Câmaras municipais, graças aos pactos de governabilidade que alcançou nas vilas pequenas e médias do País.

É certo que a percentagem total de votos para o BNG desceu minimamente em global, passando de 19,41% a 19,15%, mas também o poder local aumentou passando de 17 presidências a 29, eventualmente 31 se prosperarem recursos em concelhos como Castrelo do Minho e Maceda. O número de vereadores também aumenta significativamente, chegando a 661, por pouco mais de mil dos socialistas.

Nom deixa de chamar a aten-

ção a distribuiçom geográfica dos concelhos governados polo BNG. Um hipotético efeito dominó vai espalhando governos de concelhos-cabeceira a concelhos limítrofes, chegando a formar verdadeiras pequenas áreas de influência nacionalista. Isto deve ser entendido positivamente, no sentido de que a actuaçom de governos municipais eficientes fam de espelhos nos quais se observam os do redor. Destaquemos que além da zona de Alhariz, tradicionalmente governada polo BNG, obtiveram-se uns muito bons resultados em lugares de tradiçom caciquista do PP. Assim, após ter conseguido o governo do Porrinho na anterior etapa, obtiveram municípios agora em concelhos do Baixo Minho limítrofes, como Salceda, Gondomar e Tominho. Por outra parte, a península do Morraço, tradicionalmente nacionalista, volta a ter de novo essa cor.

As razons desse êxito local é visto desde a organizaçom nacionalista e analistas políticos como o triunfo de equipas de trabalho locais muito coesas. Longe das luitas internas da organizaçom a nível nacional, podem ser os vimes em que assentar umha tendência nacionalista por todo o País. Caberia analisar a que correntes internas, partidos ou sectores pertencem estas pessoas novas que acedem às presidências dos concelhos pequenos e médios e poderíamos ter assim umha ideia mais exacta do caminho que o nacionalismo institucional deve percorrer nessa longa marcha de moderação e possibilismo em que se empenhou há já muitos anos. Mas isto é um tema demasiado profundo para esta primeira análise eleitoral.

Camuflados polo marketing

JORGE PAÇOS M. / Para o observador distante da passada campanha eleitoral, resulta difícil diferenciar os participantes. Um primeiro motivo som os slogans, as caras e os fatos. Os lemas das três grandes forças eram facilmente trocáveis; o sorriso dos candidatos e a gravata também, nom sendo que um estivesse mui ao tanto das modas. Nenhum deles falava, em sentido estrito, galego: todos imitavam Touriño e o seu espanhol disfarçado com palavras do país. Tampouco é fácil diferenciar que ideologia política calha melhor com o globo para as crianças, qual com o refresco dado grátis ao eleitor, e qual com a playstation para enredarem as crianças que visitam a caravana eleitoral. Ao dizerem todos eles que a sua campanha marca a diferença, entom sim que se fai realmente duro distingui-los.

Mas o realmente difícil foi reconhecê-los em açom, pessoalmente, no cara a cara. Há anos, Néstor Rego exigia fahendoso um tradutor numha reuniom do conselho da mocidade da Galiza, porque um dos comunicadores falava em espanhol; todos lembramos militantes nacionalistas a arengarem orgulhosos o povo mobilizado, sobre um tractor durante as grandes mobilizações labregas, subidos nas mesas de umha biblioteca universitária nas greves de estudantes, ou assinalando inflexíveis nas assembleias os 'gauchistas' ou os 'inimigos do povo' que distorciam, irresponsáveis, os avanços populares. Figesse-se umha cousa ou a outra, todo se enfrentava com gravidade e sentido de transcendência, pois nom está ao alcance de qualquer pessoa ir na direcçom da História.

Entrincheirados nos toldos eleitorais dos 'governos de progresso', nom parece que perderam tanta ideologia como orgulho. Um inchava um globinho com a cara do candidato num recanto, corando-se quando o via um conhecido; outro conduzia um 'papamóvel' com o logótipo partidário, tenso e desacomodado, pensando se nom iria melhor de copiloto que fazendo de motorista do eventual vice-presidente da Câmara; outro, finalmente, bebia o refrigerio da 'frescura democrática' procurando meter-se asinha na rua dos vinhos, onde passava despercebido. Os únicos orgulhosos, firmes e espontâneos eram os moços que agitavam com entusiasmo as bandeiras galegas atrás de Quintana: esses recebiam vinte euros por actuaçom, falavam espanhol com tempos compostos e nunca acreditaram na ditadura proletária.



OPINIOM

As árabes usam véu

PATRÍCIA PADERNE



'As árabes usam véu, as africanas sofrem ablaçom do clítoris às chinesas som vendados os pés'. Nem todos os países árabes som mussulmanos e nem todo o mundo mussulmano é homogéneo. Tampouco os países africanos o som, e nom só nestes países se atenta contra a integridade física e psicológica das mulheres.

AS REIVINDICAÇONS DO FEMINISMO SOM APROVEITADAS PARA DESACREDITAR OUTRAS CULTURAS E POVOS COM UMHA INTENCIONALIDADE PERVERSA. NA HISTÓRIA DO FEMINISMO ESTUDA-SE UNICAMENTE A HISTÓRIA OCIDENTAL. PORÉM, NOM É TIDA EM CONTA A COLABORAÇOM DOS FEMINISMOS LATINO-AMERICANOS, AFRICANOS OU ORIENTAIS. UM EXEMPLO DE ESTEREOTIPAÇOM PODERIA SER O VÉU

Existe um discurso próprio das sociedades ocidentais que consiste em partir de um percurso evolucionista único onde os países ocidentais (Europa e EUA) seriam os avançados e o resto do mundo nações atrasadas que caminham a custo para o ideal de sociedade. Para 'o resto' reservamos apenas um olhar de compaixom (vitimizomdo e portanto negando os confrontos, lutas e dinâmicas próprias de cada sociedade) e de julgamento (resolvendo sobre aquilo que é bom ou mau para todos e para todas).

Neste discurso o feminismo é utilizado para homogeneizar e estereotipar. Em âmbitos habitualmente opostos ao feminismo (meios de comunicaçom, mundo político ou certa intelectualidade) as reivindicaçoms do feminismo som aproveitadas para desacreditar outras culturas e povos com umha intencionalidade perversa. O próprio feminismo ocidental, tam preocupado no seu próprio avanço, amiúde nom repara naquilo que outros movimentos de mulheres lhe podem ensinar. Na história do feminismo estuda-se unicamente a história ocidental (as três 'ondas' do feminismo sucedem na Europa e nos EUA e os movimentos mais vanguardistas, como o feminismo pós-estruturalista, nos EUA). Porém, nom é tida em conta a colaboraçom, na sua diversidade e diferença, dos feminismos latino-americanos, africanos, mussulmanos ou orientais. Um exemplo de estereotipaçom poderia ser o véu (ou hijab), que possui um significado mutável no tempo. Na socie-

dade mussulmana debate-se sobre este assunto desde os anos 20 do século passado, mas dá a impressom de termos descoberto nós, ocidentais, tam grande atrocidade quanto aos direitos humanos (estabelecidos no Ocidente).

A antropóloga Dolores Juliano analisa a situaçom das mulheres no mundo por meio de critérios que vam além de factos ou costumes isolados e sem contextualizar. Dentro dos factores mais determinantes para esta análise encontram-se os estruturais, como a organizaçom familiar dentro das sociedades ou os condicionantes económicos. Juliano situa num primeiro plano as formas de filiaçom ou o lugar de residência, a circulaçom da dote, os tipos de matrimónio permitidos dentro de cada sociedade, a (des)autorizaçom do divórcio, o autocontrolo da procriaçom, o acesso à herança, aos recursos económicos e à educaçom, os direitos civis, a religiom e os índices demográficos. Som critérios que podemos utilizar para observar a situaçom mais favorável ou desfavorável em qualquer lugar do mundo, incluída a nossa sociedade. A modo de exemplo, as formas de filiaçom (a que grupo pertence a descendência dentro da família) podem ser patrilineares (a pior para a situaçom das mulheres), matrilineares (a melhor) ou bilaterais. Na nossa sociedade (ocidental) impera a patrilinear em maior ou menor medida (herda-se o apelido paterno, títulos e terras, e mesmo a nacionalidade (no Estado

espanhol até o ano 79). É o critério de maior discriminaçom, segundo Dolores Juliano, próprio da Europa e que se espalhou por todo o mundo através das conquistas (qual o avanço?). Com ele, as mulheres som consideradas "estrangeiras" dentro da linhagem masculina, gerando-se desconfiança sobre elas e controlo da sua sexualidade (a valorizaçom da virgindade, o encerramento e isolamento, a ablaçom, a vendagem dos pés das mulheres chinesas que limita o seu movimento). Nas culturas matrilineares nom é necessário fazer um controlo das filhas e filhos porque a maternidade nom é duvidosa e está bem considerado as mulheres terem vários amantes. Um exemplo seria a cultura Naia da Índia ou o povo Tuareg. Nas formas de filiaçom bilateral, que podem ser encontradas nalguns povos africanos, as meninas som consideradas parte da linhagem materna e os meninos parte da linhagem masculina. Há quem proponha esta fórmula para nós (as meninas com os apelidos materno-paterno e os meninos paterno-materno). Outro critério som as normas de residência, que fam referência à morada do novo casal que se forma. O resultado pode ser patrilocal, quando o casal fica a morar com a família do homem ou perto dela, a pior para a situaçom das mulheres, matrilocal, a melhor para as mulheres, ou neolocal. Quando a mulher vai viver com a família do homem toda a família dele a controla, sendo novamente umha

estrangeira vista com desconfiança. Neste ambiente é mais fácil que se produza maltrato, exploraçom e encerramento. Deste modo, os homens de umha linhagem ficam concentrados enquanto as mulheres de umha linhagem ficam dispersas, e isto produz mais alianças entre os homens. No modelo matrilocal (o homem incorpora-se à família da mulher), a família vai defender e proteger a mulher, de maneira que som muito mais difíceis as situaçoms de violência e o trabalho está melhor distribuído entre os elementos da família. O modelo patrilocal é o que se encontra mais espalhado na nossa sociedade (qual o avanço?). Contudo, há excepçoms: por exemplo, na Galiza desenvolveu-se o modelo matrilocal nalgumas zonas costeiras por mor das prolongadas ausências dos marinheiros e da sua alta mortalidade (Marcial Gondar). O modelo neolocal implica certa melhoria com respeito ao patrilocal porque a mulher nom tem que trabalhar para toda a família.

Em relaçom aos tipos de matrimónio permitido, a poliginia (um homem que acumula esposas) seria a mais desfavorável para as mulheres. Mesmo assim, a antipoligamia utiliza-se para desacreditar culturalmente, e novamente estereotipar. No caso de Marrocos, por exemplo, este tipo de uniom só atinge 5%. A poliginia é considerada especialmente perversa no mundo ocidental, mas o certo é que sempre foi praticada na nossa sociedade (homem casado, com

amantes e mesmo vários filh@s fora do casal que nom reconhece... qual o suposto avanço?), sendo frequentemente umha das fantasias dos homens ocidentais. O modelo de poliandria (umha mulher com vários homens) seria, segundo Dolores Juliano, a mais favorável para as mulheres, já que lhes outorga mais poder. Sucede em lugares onde o alimento é restrito, sendo umha estratégia para controlar a natalidade. Encontramo-lo no povo lacandom, em Guaiquil, no Matogrosso ou no Nepal. A monogamia, quando acompanha o modelo patrilocal e patrilinear e misturada com o amor romântico, é um caldo de cultura para a dependência, o maltrato e o assassinato (qual seria, novamente, o avanço? Revisemos a saúde das nossas relaçoms sentimentais e o nosso modelo de amor).

Muitos outros indicadores podem-nos revelar de algum modo as diversas situaçoms das mulheres em todo o mundo, mas sem perder de vista o nosso mundo, sem essa postura vaidosa e soberba com que observamos e julgamos pessoas, culturas, comunidades, 'o outro do outro': as mulheres somos 'o outro' em relaçom aos homens e o mundo nom ocidentalizado é o 'outro' em relaçom à suposta civilizaçom.

Fica claro que na procura de novas relaçoms sociais onde a mulher nom sofra submissom, todas podemos tirar partido de um diálogo de igual a igual com as realidades múltiplas que as outras sociedades humanas produziram. Mas um diálogo estabelece-se entre realidades que som capazes de se olharem, isto é, de se conhecerem. O nossos preconceitos som totalizadores e, somados à preguiça eurocéntrica, eivam-nos desse conhecimento da pluralidade das outras. Fagamos o esforço.

Patrícia Paderno é educadora social especializada em género de *Lilith*, *Açom Social e Educativa*.

CENTROS SOCIAIS

Aguilhoar Santa Marinha, 30 Ginzo de Limia	Baiuca Vermelha Rua Redondela, 11 Ponte Areias	A Fouce de Ouro Bertamirans - Ames	O Pichel Sta. Clara, 21 Compostela
Alto Minho Catassol, 15 - Lugo	Casa Encantada Betangos - Compostela	A Formiga Lugar d'A Formiga Redondela	Revira Arcebispo Malvar, 33 Ponte Vedra
Artábria Trav. Batalhons - Ferrol	A Casa da Triga P. Maior - Ponte Areias	O Fresco P. Abastos - Ponte Areias	A Revolta Real, 32 - Vigo
Atreu! S. José, 8 - Corunha	A Cova dos Ratos Romil, 3 - Vigo	Henriqueta Outeiro Quiroga Palacios, 42 Compostela	A Tiradoura Reboredo - Cangas

faísca
local social - Galiza

Rua Toledo, 9 - Calvario - VIGO
faiscagal@hotmail.com

desmoro
LOCAL SOCIAL - OURENSE - GALIZA

Rua Telheira, 9
(Zona Universitaria)

ARRINCADEIRA
o ribeiro galiza

ANÁLISE

Real Academia Galega: o *lastro* da língua

SE CHEGASSE A FIGURAR NUM NOVO ESTATUTO DE AUTONOMIA PODERIA CONVERTER-SE NUM VERDADEIRO PESO MORTO PARA O GALEGO

O imobilismo sempre foi a característica da RAG que mais desavenças gerou com os sectores galeguistas da sociedade, tendo chegado a provocar a criação do Seminário de Estudos Galegos na década de 20. Com as presidências de Fernández del Riego e Xosé Ramón Barreiro alguns

sectores do nacionalismo quixeram convencer-se de que algo estava a mudar no seio da já centenária instituição, mas a Academia continua, quando nom ociosa, unicamente vinculada a actividades que escassamente conectam com as novas reptos que há de enfrentar a nossa língua.

EDUARDO MARAGOTO / A dia 19 de Junho o PSdeG e o BNG protagonizavam um novo desencontro em relación a qual deve ser a denominación da Comunidade Autónoma nas publicacións oficiais do Goberno galego. Enquanto as conselharías socialistas som impermeáveis ao nome histórico da País, a tendência dos departamentos nacionalistas é o uso da forma nom espanholizada, Galiza. Finalmente, o Conselho Geral de Publicacións decidiu adiar umha decisión à espera de um informe da RAG, cuja posição é conhecida. Para o PSdeG, a aspiración onomástica do Bloco exigiria umha reforma do Estatuto, mas tampouco neste ámbito existem elementos que fagham prever que a posición do Bloco vai prevalecer, porque na própria proposta estatutária do BNG a função de fixar a norma do galego é confiada à RAG, um organismo integrado por 'persoeiros' nomeados entre si que nem sequer a elabora e cujos méritos se limitam ao Dia das Letras, preservar um arquivo e colaborar na realização de um ou outro trabalho de investigación. Este é só o capítulo mais recente da história de como umha instituição que nom deixa de dar provas de anacronismo pode chegar a condicionar o futuro da língua, sempre contra os sectores da sociedade mais implicados na normalização lingüística.

Um âmbito para o galego

Apesar das tentativas de dar umha imagem de "instituição viva e dinâmica" com umha página web de fácil navegação, a leitura atenta da mesma devolve-nos em seguida à realidade. À pergunta 'com que pode contribuir a RAG à adequação da nossa língua às novas circunstâncias comunicacionais?' só obtemos respostas inquietantes. Basta ver os links disponibilizados. Estes remetem maioritariamente para fundações, bancos e instituições galegas. Quando nom é assim, no âmbito



À pergunta 'com que pode contribuir a RAG à adequação da nossa língua às novas circunstâncias comunicacionais?' só obtemos respostas inquietantes. Basta ver os links disponibilizados no seu web, sem referências ao mundo lusófono

Um organismo integrado por 'persoeiros' nomeados entre si cujos méritos se limitam ao Dia das Letras, preservar um arquivo e colaborar na realização de um ou outro trabalho de investigación

internacional, as ligações som todas espanholas. Nem umha só remete para qualquer organismo lusófono, ficando claro onde situa o futuro da nossa língua esta sociedade académica. E se as ausências som graves, as presenças som esclarecedoras. No âmbito lingüístico catalán, umha

ligação remete para o Institut d'Estudis Catalans. Se coerentemente deviam, no País Valenciano, encaminhar-nos para o Institut Interuniversitari de Filologia Valenciana, o único que reconhece a autoridade do anterior, a RAG decanta-se pola Real Academia de Cultura Valenciana, o único organismo daquele país que continua a promover umhas já ilegais normas secessionistas para o valenciano, negando a identidade desta variante com o catalán. Nem sequer a Academia Valenciana de la Llengua, instituição análoga à RAG (polo menos quanto ao estatuto legal) goza do privilégio de contar com o reconhecimento da nossa Academia, que prefere promover a legitimidade de umha instituição paralela controlada pola ultra-direita política (e nom estamos a falar do PP) do País Valenciano.

Investigar a língua morta

É conhecido que a 'oficialização' de certo galeguismo acompanhou

umha forte subsidiação da investigação lingüística e cultural, em detrimento de outras linhas de intervenção normalizadora. A frase 'viver do galego' fai hoje em dia sentido sobretudo quando aplicada a 'investigadores' e 'investigadoras' ligadas de umha maneira ou de outra ao Instituto da Língua Galega (ILG), ao Centro Ramon Pinheiro para a Investigación em Humanidades (CIRP) e à própria RAG. O grande potenciado desta linha de trabalho é Manuel González, cuja tese doutoral já explica todo: O xugo e o carro. Secretário da RAG, presidente do Puntogal e coordenador científico dos projectos do CIRP é o verdadeiro encarregado de desenhar as linhas mestras da política oficial do galego, junto com outros colegas da RAG e do CIRP como Ferro Ruibal. O intervencionismo dos mesmos é especialmente notável na redacção do Plano Geral de Normalização Lingüística, um verdadeiro tratado de como 'ir andando com o que há' que dá carácter de oficiais aos projectos particulares de ambos os investigadores. Um deles, o TERMI-GAL, é um serviço terminológico que funciona desde o ano 1997 através de um convénio entre a RAG e a Junta da Galiza, mas à diferença do seu homólogo catalán TERMCAT nom dispõem de nengum repertório de acesso público na Internet, sendo portanto inútil para o público geral.

O pouso franquista da instituição académica

Nem sequer é preciso 'dizermos com quem anda' para analisarmos 'quem é' a RAG. A lista dos 'académicos nom numerários' tornou-se famosa na sequência da nomeação como tais de personalidades relacionadas com a defesa do galego fora da Comunidade Autónoma

De entre eles, a obra mais prolixa em galego talvez seja a de Fraga Iribarne. E a maioria dos falecidos som puro demérito. Umha ampla lista de eméritos salpicados de galeguistas e franquistas capitaneados polo mesmíssimo Francisco Franco Bahamonde

Galega, como Domingo Frades ou Felipe Lubián. Estes novos académicos 'correspondentes' passaram a engrossar umha ampla lista de pessoas cuja mais directa relação com a promoção da língua costuma ser ter escrito algum artigo em galego, entre muitos outros que dedicam à história ou à arqueologia da Galiza, em castelhano. De entre eles, a obra mais prolixa em galego talvez seja a de Manuel Fraga Iribarne, todo um vulto do galeguismo para a RAG. E se os académicos vivos nom fam méritos, a maioria dos falecidos som puro demérito. Umha ampla lista de eméritos salpicados de galeguistas históricos e franquistas capitaneados polo mesmíssimo Francisco Franco Bahamonde que nom tem desperdício.

A Peneira
Xornal Galego de Información Xeral

A Peneira
Cabeceras Comarciais

A Peneira
do Condado/Paradanta

A Peneira
da Lourinha

RENOVAÇÃO

EMBAIXADA GALEGA
DA CULTURA

Apartado 24034 - 28080 - Madrid



CULTURA

Alexandre Banhos, novo presidente da AGAL

«A AGAL ganhou em grande medida a batalha da ‘ciência’; agora temos de ganhar a batalha social»

GERARDO UZ / A 16 de Junho repetiram-se as eleições para escolher o novo Conselho da Associação Galega da Língua (AGAL). Como tinha acontecido em Abril, apenas se apresentou uma candidatura, a encabeçada pelo sindicalista e sociólogo Alexandre Banhos, que desta vez conseguiu o mínimo de 2/3 dos votos totais para ser validada. O novo Conselho será composto por Alexandre Banhos (presidente), Isaac Alonso Estraviz (vice-presidente),

José Manuel Outeiro (secretário), Ana Maria Cabanas (tesoureira) e sete vogais, José Paz, Manuela Ribeira, José Manuel Barbosa, Margarida Martins, Miguel Conde, Iolanda Docampo e Héctor Canto. O NOVAS DA GALIZA quijó conhecer polas palabras do novo presidente quais tam ser as linhas mestras que predominarán na institución insignia do reintegracionismo.

Com a despedida de Bernardo Penabade fecha-se um ciclo importante na AGAL. Como reage perante as inevitáveis comparações?

Bom, eu não tento comparar-me com o Bernardo pois somos muito diferentes. Antes que comparar-me o que eu prefiro é aprender da sua experiência. O saber em geral, a gestom da associação, as experiências... som sempre acumulativas mesmo que se tenham excelentes conhecimentos e habilidades na matéria. Não quero que a nova etapa seja a do Alexandre, quero que seja a de um Conselho todo, cheio de ânimo e entusiasmo, onde o Alexandre seja só mais um e, com toda a segurança, não o mais importante.guardo que se diga «olhai como este Conselho soubo acrescentar o capital social e humano que herdou», porque essa ademais é a nossa obrigação: aumentar o capital.

Que pontos do seu programa salientaria e como tem pensado implementá-los?

Muitos dizem que sou optimista, é certo, fisiologicamente, mas não racionalmente. Racionalmente tens de saber que o aumento do número de sócios vai ser um facto, porque o esforço que vamos fazer pela visibilidade da AGAL vai ter como resultado o crescimento da massa social. Ainda, o Portal Galego da Língua (<http://www.agal-gz.org>), essa maravilha do reintegracionismo, queremos que seja mais e mais importante, e para chegarmos onde cumpre não é suficiente só com os que estão actualmente dedicados ao PGL: cumprem contributos de muita mais gente, é para isso que vamos trabalhar.

O novo Conselho vai ser firme como um junco. Sabemos que a língua está numa situação difícil, isso é um facto. A AGAL ganhou em grande medida a



Alexandre Banhos aguarda que a massa social do reintegracionismo siga atentamente o trabalho da AGAL.

batalha da ‘ciência’ e agora temos de ganhar a batalha social. Para a ganharmos temos de conquistar a máxima normalidade para o nosso movimento. Vamos pôr os alicerces para a normalidade social do reintegracionismo, para chegarmos a todos e todas; não vamos pôr entraves às Administrações todas para colaborarem connosco.

Criticava-se da anterior estrutura da AGAL que fosse muito piramidal. Articulará um organograma mais arbóreo onde os membros do Conselho coordenem equipas de trabalho?

Comigo, o de piramidal nunca funcionou nem vai funcionar. A gente que trabalhou comigo sabe bem que eu nunca me intrometo no trabalho dos demais, e que tampouco tento nunca impor nenhum modo especial de fazer as coisas.guardo que o Conselho se exprima plural com absoluta naturalidade, e nisso vai estar a nossa força. Penso num

“Temos que conquistar a máxima normalidade para o nosso movimento

Vamos pôr os alicerces para a normalidade social do reintegracionismo e chegarmos a todos e todas”

Conselho amplo onde cada pessoa leve avante um trabalho definido, com objectivos e temporizações, sob a sua responsabilidade e construindo equipas de agálicos e agálicas. Tambémguardo que a massa social siga atentamente o nosso trabalho e o controle com toda a energia que for precisa.

Em sua opinião, quais som nestes momentos os principais reptos para o luso-reintegracionismo?

O reintegracionismo tem dois reptos principais. O primeiro, ajudar a construir as barragens para que a desfeita social que se produz do mundo galego tenha paragem. A AGAL é mais um instrumento do reintegracionismo, se bem que qualitativamente fulcral e que pode ajudar a tornar isso possível. Com o exemplo vamos demonstrar que se temos na língua uma autoestrada excelente, o galego internacional ou português, não ganhamos nada metendo os nossos ‘carros

linguísticos’ por caminhos de cabras, e que o português da Galiza brilha próprio bonito e particular no galego internacional de Portugal, criam ao fim e ao cabo do nosso génio galego.

O outro repto é sermos aceites no mundo da Lusofonia com a nossa singularidade, apagando preconceitos de um e de outro lado. Se Timor foi aceite, porque não vamos ser nós? Essa batalha é a mais importante para derrubarmos as fronteiras mentais que nos separam do mundo ao qual pertencemos por história e cultura.

Ligado com isto, apoiará a AGAL a constituição de uma Academia Galega da Língua Portuguesa, acolhida no seu dia com divisões de opiniões?

O Conselho da AGAL nunca apoiará o que a massa social da AGAL não aprovar. Há uma associação diferente da AGAL criada com esse objectivo, e aí nela há agálicos como há em muitos mais sítios.

Essa é uma questom que pede debate e reflexom, pois nada bom se faz à língua se se levarem avante projectos que descompactem a massa social do reintegracionismo, o nosso principal capital.

Os movimentos de base som vistos como ‘concorrência’ do trabalho que deveriam fazer os grupos locais da AGAL? Como deveria ser o relacionamento dos grupos locais da AGAL com estes colectivos?

De concorrência, nada: som uma das criações mais fantásticas que está a fazer o reintegracionismo, e vamos querer contar com todas elas com a sua independência, estabelecendo mecanismos de colaboração baseados não em princípios retóricos e declarações altisonantes, mas no trabalho partilhado e colaborativo.

A GALIZA NATURAL

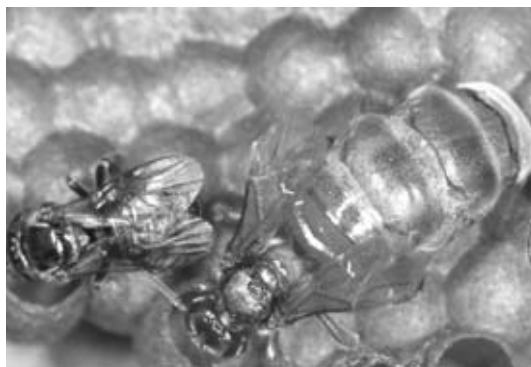
O misterioso caso do desaparecimento das abelhas

JOÃO AVELEDO / Contam, sem insistir muito sobre se é verdade ou não, que Einstein disse "Se a abelha desaparecesse da superfície da Terra, então ao homem restariam apenas quatro anos de vida. Com o fim das abelhas, acaba a polinização, acabam as plantas, acabam os animais, acaba o homem".

O nosso antropocentrismo faz com que não seja habitual que prestemos atenção à conservação de insectos ou de outros seres vivos muito afastados de nós evolutivamente, mas as abelhas são a excepção a esta regra. A sua semi-domesticação perde-se na noite dos tempos e a sua importância ecológica e económica revela-se mais que evidente.

Houve um tempo em que, após o Inverno, as colmeias que ficavam sem abelhas, eram logo ocupadas por enxames novos nos meses de Maio e Junho. Existia um equilíbrio milénio entre as abelhas e as doenças ou pragas que as afectavam, pelo que o número de colónias permanecia relativamente estável. Isto começou a mudar há umas décadas, quando, como consequência da mais importante das revoluções do século XX viveu, a dos transportes, chegaram à Europa duas doenças exóticas, a loque americana e a varroa, que mingüaram significativamente os nossos colmeais.

No entanto, é agora quando a



Interior de umha colmeia

situação se tornou crítica, pois um novo fenómeno de proporções avassaladoras está a dizimar os apiários ao redor do mundo. A chamada "desordem de colapso da colónia" caracteriza-se por um despovoamento em massa das colmeias, uma vez que as operárias (encarregadas de colectar o néctar e o pólen das flores) não retornam a elas. Estas colmeias conservam intactas as suas reservas de mel, que demoram a ser saqueadas por outras abelhas ou por outros insectos, o que sugere a presença de alguma toxina, e as suas larvas estão contaminadas por diversos microorganismos, sinal, com certeza, de uma imunodeficiência grave...

Contudo, este misterioso des-

aparecimento das abelhas continua a não estar resolvido, apesar de inúmeras teorias já terem sido postuladas: pesticidas neurotóxicos, transgénicos, telefonia celular, stress associado às novas práticas apícolas, parasitas como "Nosema ceranae", alterações climáticas...

Múltiplas hipóteses, pois múltiplas podem ser as causas. Talvez, em vez de "colapso das colónias" devêssemos falar de um "colapso ambiental planetário", de que este desaparecimento das abelhas seria apenas mais um sintoma. Antigamente, as "alvariças" defendiam as colmeias dos ataques dos ursos, mas que "alvariça" as poderá defender do nosso frenético "progresso"?

A CONJUGAR O VERBO SEXUAR

Da ilha de Lesbos

BEATRIZ SANTOS

Lesbos é, pela sua vegetação, a Ilha Esmeralda do mar Egeo. A sua evocação colorista desperta os sentidos. Lugar de passagem de influência multicultural foi, na antiga Grécia, oásis de liberdade para as mulheres. Nela podiam desfrutar de maior participação na vida pública e da possibilidade de reunir-se em grupos de leitura, música, canto e dança de poemas exclusivamente femininos.

A poetisa Safo nasceu e viveu em Lesbos e liderou algum desses grupos.

Por questões políticas teve de exilar-se brevemente a Siracusa, onde fundou a primeira universi-

dade constituída só por e para mulheres. Disto há mais de 2.600 anos...

A agitada vida da décima musa, como a baptizou Platão, suscitou multitudine de lendas, entre elas a do seu suicídio por amor a Faon.

Poucos textos da autora da *Oda a Afrodita* chegaram até nós.

O centro da sua obra é o mundo feminino, as mulheres, as amadas, as alunas. No tempo das epopeias e dos heróis mitológicos, Safo cantou à exaltação da paixão, ao espaço do íntimo, ao descobrimento da subjectividade. O culto a Afrodita, ao amor, ao prazer e aos sentimentos liga-

dos à sensualidade, o mundo das carícias, cheiros e imagens sensuais encontram na sua poesia forma em língua eólica.

A erótica pode ser explorada de infinitas maneiras, entre elas potenciando a sensualidade através dos sentidos. A musicalidade poética de Safo consegue despertar o ouvido para a erótica, para qualquer acto erótico...

«Sozinha, na alta rama, torna-se roxa umha doce maçã, / alto, no mais alto, inadverteida polos apanhadores / Nom, nom inadverteida, é que nom pudérom alcançá-la.» Safo

LÍNGUA NACIONAL

Estran-

VALENTIM R. FAGIM

Umha das consequências de o espanhol se ter tornado a língua da Galiza foi o estranhamento do galego para a população galega. Em 1911, Eugénio Carré queixava-se amargamente de que "os restauradores da pureza do idioma eram tachados de aporuguesados" e os acusadores preferiam fazer isso "antes de confessarem a ignorância da língua dos seus pais". Este lamento era proferido numha altura em que o galego era a língua oral da imensa maioria das pessoas e quando nom era assim, era a língua dos progenitores. Existiam elos.

Como se sabe, hoje nom é assim. Nas cidades da costa, o contacto que muitas pessoas podem ter com o galego é extremamente periférico, quer quantitativa quer qualitativa-

mente, o que tem acelerado a sua **estran**geirizaçom. Sirvam duas mostras.

Recentemente numha carta ao director um pai postulava que o ensino do inglês, nas escolas, devia ser feito em inglês. Colocava como exemplo abonatório que as aulas de galego também decorriam em galego.

Num artigo de Xoan Costa este fala de umha amiga corunhesa que, na procura de convites para a comunhão da sua filha, depara com que:

a) em El Corte Inglés só os há em espanhol.

b) noutra empresa havê-los hai-nos mas a tarifa é três vezes mais cara do que em espanhol mas a mesma que em... inglês.

A etimologia neste sentido é impiedosa. **Extrán**ens 'que é de fora; nom pertencente a umha família; estrangeiro'.

DESCOBRIR O QUE SABES... Por Salva Gomes

1. Que guerrilheiro antifranquista do Exército Guerrilheiro da Galiza tinha a alcunha de 'Xastre'?

-Manuel Girom Bazán
-Manuel Ponte Pedreira
-Benigno Andrade

2. Que editorial contou com banca própria (ademais de Nova Galicia) na consagrada Feira Internacional de Frankfurt das 24 editoriais galegas assistentes?

-Kalandraka -Lóstrego -Do Cumio

3. Como acontece em Saragoça e Castellón, a emissora COPE ocupa ilegalmente frequências em FM, em detrimento de rádios livres e nom lucrativas. Onde acontece na Galiza?

-Uránio -Rádio -Polóni

-Corunha -Vigo -Compostela

4. Hoje em dia o nomadismo é umha prática residual em quase todo o mundo, em que país é praticado por 40% da população?

-Tibete -Mongólia -Etiópia

5. Há quanto tempo está Mumia Abu-jamal na galeria da morte nos EUA presa de umha montagem político-policial?

-8 anos -13 anos -25 anos

6. A cientista e investigadora Mari Skłodowska, depois Marie Curie, morreu de umha doença produzida polo...?

Soluções: 1. Manuel Ponte Pedreira; 2. Kalandraka; 3. Vigo; 4. Mongólia; 5. 25 anos; 6. Rádio

ARROZ COM CHÍCHAROS

Taças de camarom com ananás

ANDRÉ RIOS / Ingredientes (6/8 pessoas):

1 kg de camarom miúdos já limpos; 1 ananás em fatias; 1 limom (sumo); sal e pimenta em grão q.b.; salsa picada

MOLHO:
2 dl de nata; 2 colheres (sopa) de sumo de limom; 1 colher (chá) de mostarda; 1 colher (chá) de sal; pimenta em pó;
PREPARAÇÃO: Tempera o camarom com o sumo de limom, sal e

pimenta e leva-o ao lume, em panela tapada, para cozinhar 10 minutos, no próprio suco. Tira do lume, deixa arrefecer e guarda. Tira o talo fibroso do centro das fatias de ananás e coloca-as em pratos de sobremesa. Prepara o molho misturando bem todos os ingredientes indicados e junta-o aos camarons.

Dispon porções de camarons sobre as fatias de ananás, sem as cobrir totalmente. Decora com salsa picada.



CINEMA

Juventude em marcha. O relâmpago no gueto

JACOBE P. V.



No quarto dum barracom um homem garatuja com umha caneta acima da mesa, Ventura que traz consigo um velho toca-discos, deita-o na mesa, senta de costas ao plano, e pom umha canção da sua juventude que celebrava a proclamação da independência de Cabo Verde, que salta no gira-discos por causa da vibração da mesa, provocada polos movimentos do filho, Ventura interrompe a actividade do filho para que a canção finalize sem interrupções. Esta cena, dum só plano, dura vários minutos, e o filme encadeia um quadro trás outro, sem progressom narrativa, sem tensom dramática manipulada pola trama, só a imagem liberada dos códigos estandarizados e hegemonizados por aqueles que negam, por exemplo, a qualidade cinematográfica de Carlos Várela por documentário; desta óptica simplista nom conseguirám entender nunca a iniludível intervençom de quem observa, a pulsom entre a realidade e a representaçom, tam viva em Carlos Várela como em Pedro Costa.

Juventude em marcha completa umha trilogia que nasce com *Ossos* no bairro de lata das Fontainhas em Lisboa, habitado por emigrantes cabo-verdianos, trabalhadores lançados ao abismo da marginalizaçom, jovens toxicómanos, ... e que tem a sua continuaçom em *O quarto da Vanda*.

Costa, que filma com a sua câmara digital os habitantes reais das Fontainhas, convertidos em

personagens do seu filme, nom se preocupa com que a etiqueta para o seu filme seja de documentário ou ficçom, como também nom o fazia Jean Rouch quando colocava a sua câmara, à frente de umha comunidade africana ocupada com ritos sagrados. O que importa em qualquer caso, é que Costa como Bresson, acredita mais na imagem e no som, e ainda nas tensões que as associações entre eles provocam, do que na documentalizaçom da realidade; *Juventude em marcha*, é os raios de luz que irrompem na escuridom dos barracons das Fontainhas; é os ecos da voz de Ventura que rompe o silêncio sepulcral de umha nova urbanizaçom desinfetada, impoluta, onde se realoja a Vanda em processo de desintoxicaçom; é o fio da navalha da mulher de Ventura ameaçando com deitá-lo fora de casa. Esta estilizaçom da realidade, alcança também as personagens, Costa renuncia à representaçom dramatizada dos actores, à veracidade através dos diálogos, que cá se transformam em monólogos, partindo do lamento de umha vida de sofrimento, ou das recordações da juventude perdida de Ventura, desfilam para umha significaçom mais escura, penetram em sombras que rompem a unidade do discurso, criando seres impenetráveis à interpretaçom psicológica, apartando-nos definitivamente da tentaçom do julgamento ético e do espectáculo da miséria, arquetipado polos filmes de seringas e agulhas, delinquentes juvenis,

pobres e apenas gentes sem lar, e outros medos das acomodações classes médias.

O estranhamento das personagens e da realidade construída a partir de planos independentes, relacionados pola associaçom das diferentes cenas do filme, acentua-se polo tempo que Costa demora em filmá-los, o tempo em *Juventude em marcha* nom intervem na progressom narrativa, opom-se a ela, suspende-a entre as paredes dos quartos escuros das Fontainhas, entre os novos prédios de protecçom oficial em que som realojados os seus antigos habitantes, entre as ruínas de umha comunidade esbanjada. O tempo penetra entre as ruínas das Fontainhas liberado do peso da progressom, como ensinam da juventude perdida, como *"todo o que na história desde o começo tem de destempe, de sofrimento, de falido e de fracassado"*, é o tempo histórico de Walter Benjamin: *"o núcleo temporal da história nom se deixa apreender como algo que ocorre propriamente e que se estende na dimensom real do tempo senom onde o desenvolvimento se detém um instante... o que foi e o agora convergem numha constelaçom de relâmpago"*; é nessa mesma constelaçom onde convergem Ventura e os seus filhos; os restos das Fontainhas e os novos prédios levantados sobre as ruínas; e por onde passeia, assustando, o fantasma do vinte e cinco de Abril, último relâmpago contra o tempo do relato escrito polos amos do mundo.

TEATRO

O musical "Lolas", no Teatro Arte Livre de Vigo

Marga do Val gere o prostíbulo na obra *Lolas* que nos oferece o TAL em Vigo

REDACÇOM / *Lolas* é um prostíbulo e o nome de todas as mulheres que trabalhavam nele. Estamos na II Guerra mundial e Berlim é bombardeado. Dançar era proibido. Ao Neues Kaffee Vaterland de Berlim acodiam soldados e membros das SS. Este é o cenário a que nos transportam Roberto Cordovani e Eisenhower Moreno, que escrevem e protagonizam o musical *Lolas*, ambientado nesse cabaret da capital alemã em plena época de nazismo. Junto deles entram em cena Humy Donado, Marga Villar, Agustín Leirós, José Miranda e a escritora Marga do Val, que debuta como actriz nesta obra, encarnando Schuckert, o gerente do local, construtor que enriqueceu com a guerra. Roberto Cordovani é Klaus, actor, libertário amordaçado polo regime, que actuou para o nazismo.

Eisenhower Moreno é um responsável polo urbanismo, Herr von Bohn, que se fai pas-

sar por Esslin, um cantor que formará parte do elenco.

Os autores e actores brasileiros, que já nos tinham acostumados e peças ambiciosas deste estilo, oferecem-nos neste caso umha montagem espectacular com música original, mais de meio cento de mudanças de vestuário e coreografia de luxo.

Umha cenografia onde a luz ajuda a deslocar-nos ao pleno coração do nazismo e com ele, à guerra, ao sexo, à ambiçom...

A intençom da companhia é manter a obra em cartaz durante vários meses, para posteriormente percorrer outros palcos. Neste momento pode ver-se em Vigo no Teatro Arte Livre (Vasques Várela, 19). Às sextas e aos sábados representa-se às 21h30 e aos domingos, feriados e vésperas de feriados, às 20h30. O trabalho desenvolvido por autores e actores é para ser visto.

Pode fazer-se a reserva de entradas a telefonar para o número 986 114 444.



Contom do S. Bieito, 4 - COMPOSTELA GALIZA



DESPORTOS



A bilharða também é conhecida polo nome de estornela, palám ou lipilape. As regras som comarcais, e é mui difícil encontrar várias zonas que joguem con regras idénticas. Porém, em todas elas o fundamento é dar con um pau, o palám, contra a bilharða, para esta chegar o mais longe possível. Para jogar cumprem apenas dous jogadores

A bilharða ganha posições na sua recuperação com o campeonato Supercinco Paróquias

UMHA DAS CAUSAS DA QUASE DESAPARIÇÃO DA BILHARDA FOI A DESATENÇÃO DO SISTEMA EDUCATIVO

XERMÁN VILUBA / A Liga Nacional de Bilharða continua a demostrar que é possível a recuperación dos deportes galegos sem mais ajuda que o voluntarismo, a auto-organización e a ampliación das redes sociais interesadas em recuperar o nosso.

O último evento organizado por estes marinhaos foi o Supercinco Paróquias, disputado a 17 de Junho. O prémio oferecido era a chamada Perica da Liga Nacional de Bilharða, um exemplar de ovelha galega.

O troféu foi disputado no Multiusos de Sam Cosme de Barreiros, con a presença das equipas Búfalos de Remourelhe, Astur-Eu, Sam Cosme, Lourençá, e Celeiro de Marinhaos. A jornada começou às 10 da manhã, e a equipa de Sam Cosme era a que

defendia o título desde o seu triunfo do passado ano. A última equipa classificada recebe a 'colher de pau', que marca o seu fracasso na competição.

No passado ano, este troféu tinha sido carregado sobre os ombros dos palanadores de Val de Flores.

Após umha final dura, o Sam Cosme mantivo a sua hegemonia no Supercinco, remontando sobre a selecção de Celeiro. A jornada durou nem mais nem menos que oito horas, e foi debulhada con todo o detalhe no programa da Rádio Galega 'As Quimbambas'.

O seguinte passo na recuperação deste deporte tradicional será a sua extensión ao longo do País, porque até o momento a sua prática centrou-se fundamentalmente na comarca da Marinha.

Após umha dura final, o Sam Cosme mantivo a sua hegemonia no Supercinco, remontando sobre a selecção de Celeiro. O seguinte passo na recuperação deste deporte tradicional será a sua extensión ao longo do País

Um deporte genuíno salvado da desaparición

A bilharða também é conhecida polo nome de estornela, palám ou lipilape. As suas regras som comarcais, e é mui difícil encontrar várias zonas que joguem con regras idénticas. Porém, em todas elas o fundamento é dar con um pau, o palám, contra a bilharða, para esta chegar o mais longe possível. Para jogar cumprem apenas dous jogadores, distribuídos por equipas. De umha figura geométrica tracejada no chão, batem na bilharða para guindá-la longe. A distância marca os pontos de cada equipa.

Umha das causas fundamentais da quase desaparición da bilharða foi a desatenção do sistema educativo a este e outros deportes populares, para além da mudança nos hábitos de vida e a irrupção do deporte comercial.

Fim de ciclo

RUBÉM DAFONTE GONÇALVES

O Celta volta para segunda. Um treinador mediático do qual ninguém sabe como treina, ainda que já venda milhares de camisolas.

Borja Oubiña, o elegante médio centro galego, pendente de venda a umha equipa europeia para sanear as finanças e armar um bloco sem grandes figuras galegas.

Um presidente procedente do patronato imobiliário e vinculado ao partido dos de sempre, e umha bancada tam exigente que aplaudiu o despedimento do melhor treinador galego, mas que chorou como umha madalena pola descida na última jornada.

À Corunha chega um treinador clássico e rochoso para fazer frente a tempos duros. Todo o mundo sabe que acabou o Super Depor, e que agora é tempo de navegar no equador da tabela, sob o peso de umha dívida milionária, e con ruído de sabres contra um Lendoiro em decadência.

Ainda há quem aguarde por um grande empresário vencedor que recupere para o Depor a efémera bandeira de representar o futebol galego. Tarefa difícil, quando maioritariamente se associa Corunha con a cidade que, incómoda no nosso País, quereria ser umha ilha à parte ou umha grande capital espanhola.

Jornadas pola oficialidade das selecções nacionais

O dia 2 de Junho tiveram lugar as Jornadas pola oficialidade das selecções galegas que Siareir@s Galeg@s organizáram na capital da Galiza. As actividades começaram com o jogo entre representantes de da organización e 'persoeiros/as'. Continuáram con o concerto em que tocáram Non Residentz, Skacha e Skármio e se apresentou o DVD no que se recolhem momentos destacados da sua actividade nos últimos dous anos.

Murguía, Revista Galega de Historia fica de cuarto aniversario.

Grazas a centos de subscritores e lectoras **Murguía** vai descubriendo a Historia da nosa nación, divulgándoa e poñéndoa en valor.

No último número presentase umha carta inédita dun galego na Revolución francesa, dous novos tipos de cruceiros, o nacionalismo galego e a esquerda na Transición, Staffan Morling e as súas achegas antropolóxicas e moito mais.

Colabora con a recuperación da memoria histórica do noso país.

Subscríbete!

Nome Apellidos

Enderezo

Localidade CP Teléfono

Solicito: Subscripción ☐ Mais Información ☐

Enviar a **Murguía, Revista Galega de Historia**. Apartado de Correos 755 15 703 Compostela ou secretaria@revistamurguia.com. Teléfono 623 31 12 68

www.revistamurguia.com



| ORLANDO ÁLVAREZ | VICE-PRESIDENTE E PORTA-VOZ DE SOS COUREL |

“No Courel já nom há bacía sem a sua louseira”

ANDRÉ CASTELEIRO/ Orlando Álvarez (à esquerda na foto), ex-vereador nacionalista em Folgoso do Courel, é vice-presidente e porta-voz da associação ecológico-cultural S.O.S Courel, que tem denunciado as encobertas cumplicidades entre administrações e louseiras na destruição da riqueza paisagística da serra luguesa

- Orlando, andades a trabalhar numha campanha de sensibilização com a problemática do Courel. Algunha resposta?

- Levamos um mês e meio a tentar consciencializar, recorrendo a organizações, meios de comunicação, indivíduos e à própria Administração. É esta a que se mostra ausente, nom recebemos qualquer resposta e o pior é que os seus projectos de regeneração para o Courel nom solucionam a dívida histórica que há com esta comarca.

- Como qualificarias portanto a atitude da Administração autonómica?

- Nom sei, parece como se tivessem medo de contestarem as louseiras. Som elas, apesar de

serem a maioria ilegais, as que desenham as políticas públicas no Courel. É de loucos.

- Em que medida se fai notar a influência das louseiras?

- Para além do estrago ambiental (nós exigimos que nom continuem a avançar em bacías tam sensíveis como a do rio Lor e que a Administração tome a sério tais exigências) vemos assustados como promovem o despovoamento do Courel, ao proporcionarem transporte aos empregados de Quiroga, negando-o aos courelaos quando neste concelho as distâncias som também consideráveis. Hoje vivemos numha turistificação interior. Os nossos antigos vizinhos, agora a morar em

Quiroga, venhem ao Courel só quando o calor aperta no Veroa. É mesmo triste.

- A Administração vai declarar o Courel concelho mineiro...

- Eis a grande armadilha, um suposto interesse social faria com que prevalecesse tal denominação sobre a de parque natural. A Administração parece vê-lo assim, mas repara, dos 100 trabalhadores das louseiras sediadas no Courel, 1/3 é de fora do concelho, e dos 2/3 restantes mais da metade moram em Quiroga. Para um concelho de mais de 1.000 habitantes e umha alta taxa de reformados onde é que está o interesse social?

- Que reclamades da Administração se o parque natural vinhesse a concretizar-se?

- Antes de mais que acabe a degradação; nom há bacía sem louseira no Courel! Que se apos-

te na riqueza florestal do Courel, mas de modo a fixar a população, que nom se repovoie por repovoar, que se valorizem elementos naturais e históricos de indubitável valor. Falo dos soutos, das devesas esquecidas pola progressom selvagem das louseiras... sabes? apanhar lousa no Courel é fácil até porque o terreno sai barato.

- Estamos perante a última oportunidade para o Courel?

- Estou certo disso. Vamos ver se o governo da Junta deixa de se empenhar em legalizar louseiras criminosas que incumprem as mais básicas leis de preservação do meio ambiente e aposta decididamente no Courel, como espaço possível. Se eles próprios dixérom que iriam apostar na Galiza Interior!! Se até a Constituição espanhola falava na especial protecção das áreas de montanha!! Enquanto se decidem, o Courel esmorece.

Mudança Climática

CONCHA ROUSIA

- Aió! E logo isso que falam da 'mudança climática' o que será?
- Pois o que vai ser! Que o tempo muda, mulher.
- Bô! Que o tempo muda bem o eu sei, mas isso é novidade como para andar com tanto barulho como se tem montado?
- De que barulho estás a falar?
- Do que se monta por falar nisso... juntaram-se o Bush e o Putin e outros tais e diz que uns ambientalistas, não sei como lhe dizem... "ghrem-pis" ou o caralho, que lhe foram ali para que não falassem por não sei que...
- Ui, pois logo é que aí che há mais algo...
- Isso mesmo pensei eu porque a mudança do tempo não é tema novo, o tempo tem que mudar, não vai ficar sempre no mesmo... ora que também... para dizer verdade... o tempo toleou.
- Ai toleou toleou... onde se viu outra este calor no mês de São João!
- E os Invernos... que já nem são Invernos nem são nada.
- Aquelas nevadas que cortiam a terra, que já só elas faziam a metade do trabalho da Primavera...
- Que razão tens, e os lameiros que havia que os marcear para que não acamara a erva de tanto que medrava...
- Sim, e agora se te descurdares não dá nem para segar no mês de São João.
- Que vai dar homem, que vai dar...
- Pois logo por isso é que andarão a falar.
- E eles que vão saber lá o que são os lameiros?
- Ai pois saberão mesmo...
- Não, hom! Ademais no tempo não governam os homens!
- Que não? Então para que falam? Algo andarão a tramar, digo-cho eu...
- E chegou o terceiro, que já tardava, para dar a sua ajudinha...
- Essa reunião é para estudar o efeito que a poluição meio ambiental tem na atmosfera e na mudança do clima, que parece ser que sim tem...
- Ai pois logo é bom que se reúnam...
- Bom é que se reúnam, mas não vão parar a poluição...
- E logo então para que raio se reúnem!?
- Boa pergunta!
- Pois eu vou-che-me ir indo que este sol, tanto que se agradecia em tempos, agora até faz mal na cabeça.- Eu também vou embora que se isto continua assim ainda nos vamos torrar todos...
- ...